

ITARARE!



HONORIO
de
SYLOS

ITARARÉ!

HONORIO DE SYLOS

ITARARÉ!

NOTAS DE CAMPANHA

ITARARÉ!..

1933

Livraria José Olympio Editora
Rua da Quitanda, 19-A
São Paulo

INDICE

FINGINDO DE PREFÁCIO...
ALONS ENFANTS DE LA PATRIE...
PARA ONDE VAMOS?
DE PÉ, RAPAZIADA!
GUAPIARA — DESTACAMENTO, ALTO!
RUMO DE APIAÍ
A MISSA E A PARTIDA
ENTRE LES DEUX...
NOITE DE TREVAS...
CAPITULAR? NÃO!
ODISSEIA
A BATALHA DE BURI
O 6.º B. C. R. NO COMBATE DE 15 DE AGOSTO DE 1932
O 2.º “9 DE JULHO” E O JULGAMENTO DO E/M
O TENENTE ADÁTO... UM MÁU GENERAL
QUE MÁGICA BESTA...
PARA AS MARGENS DO PARANAPANEMA...
30 DE SETEMBRO...
A JORNADA DE 1.º DE OUTUBRO DE 1932
O JULGAMENTO DO CAP. ALVES BASTOS
HERÓIS DE VERDADE
TRÉGUAS
LIÇÃO DE MESTRE
HÔMENS & EPISÓDIOS
NEM TUDO SÃO ESPINHOS...
FALSA MEMÓRIA
A COR DO CAVALO BRANCO DE NAPOLEÃO
MORRER COMPLETAMENTE
A VIÚVA DE MIREBEAU...
O ÚLTIMO PESADELO...
ELAS...
PAISANO...
NEOLOGISMO DA GUERRA



SUSTENTAE O FOGO QUE A VICTÓRIA É NOSSA!

Fingindo de Prefácio

Voltei das trincheiras com a pele requeimando pela soalheira, o espírito retemperado pelas agruras da peleja e uma forma ojeriza pelos carrapatos.

De todos os setores, o do Sul marcou, talvez, a epopeia maior da bravura paulista: éramos 4000 combatentes, dos quais apenas 300 e poucos soldados regulares contra o exército do general Valdomiro Castilho de Lima, de 17 mil homens!

Não tínhamos batalhões do Exército. Nem batalhões da Polícia.

A nossa insignificante, senão ridícula, artilharia constava apenas de seis pecinhas (eles tinham quarenta) e um 150, do forte de Itaipús, que, entretanto, só funcionava na linha férrea, só possuía meia dúzia de obuses e, quando conseguia atirar, levava um dia todo se preparando e gastava uma semana para ser desmontado e mudado de lugar...

Três mil e poucos jovens improvisaram, nos campos de Buri e nas colinas de Capão Bonito, sob o comando firme do valoroso Coronel Brasilio Taborda, uma coluna de guerra, cujos feitos a história há de recolher, um dia, nos seus arcanos.

Estive, durante 65 dias, no vai-e-vem sangrento da guerra nas cercanias de Itararé, na maravilhosa serra de Paranapiacaba, em Vitorino Carmilo, em Aracassú ou nas margens acolhedoras do Paranapanema soldado que fui do galhardo 2º Batalhão do Regimento “Nove de Julho”, que teve, em Luis Tenorio de Brito, o seu glorioso comandante.

Repórter, simplesmente repórter, mesmo sob a metralha, em meio as emoções as mais estranhas, não perdi o hábito de ver⁽¹⁾, observar e anotar.

Estas reportagens e instantâneos não valem senão como singelo depoimento, que, não lendo nada tem, pelo menos, o mérito de ser sincero.

Não fiz literatura. Registre a verdade.

O repórter relata, com a fidelidade de que é capaz, o que cai sob seus olhos. E a mais não é obrigado...

São Paulo, dezembro de 1932

Honório de Sylos

1 Segundo os ditatoriais, o Exército Constitucionalista contava, no sul, somente, com 3417 homens (“Correio da Manhã” de 19 de outubro de 1932).

Alons enfants de La patrie...

28 de Julho de 1932

— Itararé! Itararé!...

São 16 horas.

A ampla e majestosa estação da “Sorocabana” sem um lugar vazio. A multidão acolhe, sob uma revoada de aplausos, o 2º Batalhão do Regimento “Nove de Julho”. A frente desse punhado de moços paulistas, a figura marcial de Luis Tenorio de Brito. Os voluntários desaparecem no meio do povo, que grita e aclama — requisitados pelos comovidos abraços dos que ficaram. Confusão e entusiasmo. Quebra-se a formatura militar, comprometida desde a nossa chegada. Surgem oradores inflamados de “sejam as minhas primeiras palavras”... Uma porção de moças bonitas distribuem merendas e medalhinhas. D. Marianinha Neto, nossa madrinha, vai, de janela em janela, distribuindo guloseimas e frases amáveis. Braços que se agitam. E lenços e chapéus, também. Um apito. Dois apitos. Bem prolongados. Abraços e beijos. Os “adeuses” confundem-se com “vivas a São Paulo. Tremulam bandeiras. Mãos muito apertadas que custam a desprender-se... E o comboio imenso vai se desencostando da plataforma. Lentamente, E o sol, no seu fastígio de luz e calor, bate em cheio naquelas cabeças descobertas, como que cristalizando as lágrimas que despencam de olhos, entre tristes e alegres, lembrando tardes de arco-íris...

— Viva São Paulo!

— Viva São Paulo!

— Viva...

19 horas, Sorocaba.

Mais seis horas de viagem.

Tão diferente da partida a nossa chegada: Itapetininga não nos mandou esperar. Nem viva! Nem o Q./G. do coronel Taborda. Nem o povo.

1 hora.

— Ninguém sai do trem!

Era a ordem.

O comandante Tenorio procura o coronel Taborda. Mas o coronel Taborda já se achava recolhido aos seus aposentos. Bom sinal.

Olhamos lá para cima.

Tudo quieto. A praça Peixoto Gomide deserta e quase escura.

Cães vadios derrubam e remexem latas de lixo.

A cidade de Venancio Ayres, alheia á nossa chegada, dormia, patriarcal e serenamente...

— Para onde vamos?

29 de Julho de 1932

7 horas. A revista. 443 homens.

— E o café, “seu” tenente Amorim?

— Cadê os trilhos, cabo Gabriel?

Dia chuvoso. Cinzento.

Enervados, não pudemos, a tarde, sair dos vagões e começamos a sonhar com um acantonamento.

Chegou a cavalaria “Rio Pardo”. Guapos rapazes e ótimos cavalos.

Chegou o blindado do destemido tenente Afonso Negrão.

— A coisa agora vai! Se vai...

Às 20 horas, as sentinelas já vigiavam as saídas da estação.

— Major Tenorio! Major Tenorio!

Era um chamado do coronel Brasílio Taborda.

Seriam umas 23 horas.

O comandante atende, imediatamente.

O Q./G. acabava de organizar um destacamento denominado “Tenorio”, constituído dos seguintes elementos:

2º B. R. “Nova de Julho” — 400 homens;

Batalhão major Adonias Monteiro — 170 homens (F. P.);

Contingente do tenente Ayres — 70 homens (C. B.);

Cia. M. P. — 30 homens. Tenente Miguel Franco (F. P.);

Pelotão de cavalaria — 30 homens. Tenente Pantaleão de Lima (F. P.);

Secção de artilharia — Tenente Quintães (Ex.).

O tenente Luis Carneiro de Castro e Silva, do E./M., dá a ordem de operações:

Seguir para Guapiara e dali marchar sobre a cidade de Ribeirão Branco, que, segundo informações recebidas pelo Q./G., estava ocupada por cerca de 400 homens. O Destacamento deveria partir de Guapiara pela estrada de rodagem que vai a Ribeirão Branco, ocupando, primeiro, o bairro Capela de São Pedro. A ponte sobre o rio Apiaí-Guaçu (nas proximidades da cidade) precisava ser reconstruída. Em caso de resistência do inimigo, a força ficaria entrincheirada às margens daquele rio, entrando em ação e artilharia.

O tenente Castro e Silva, diante do mapa grandalhão e de uma guaraná espumante geladinha, descreve, com admirável eloquência, o plano estratégico.

Estava armada a equação...

O embarque da tropa devia verificar-se nessa madrugada.

E verificou-se mesmo.

De pé, rapaziada!

30 de Julho de 1932

— Vamos partir!

— Itararé Itararé!... De pé, rapaziada!

Um frémito de emoção perpassa por todas as espinhas. Um anseio toma conta de nossos corações. Era preciso marchar e retomar o terreno perdido.

Foi um corre-corre.

Dentro de pouco tempo, o 2º “Nove de Julho” estava pronto para seguir para o “front”. Dos 443 homens, apenas três tiveram necessidade de, apressadamente, baixar ao hospital...

O tenente Pantaleão e o tenente Ayres já estavam em Guapiara. O tenente Quintães, em Capão Bonito.

O major Adonias foi preparar seu pessoal, que estava acantonado na cidade.

À uma hora, começaram a chegar os caminhões. O major Aristeu Seixas, em pessoa, dirige o serviço. (Não me surpreendo em ver o poeta de “Pôr do Sol” tão a vontade, manobrando transportes, quando me lembrei que o seu digno colega, dr. Laudelino Freire, superintende, no Rio de Janeiro, empresa dessa especialidade...)

O vate anda de cá para lá, como um mortal qualquer, e tudo caminha a contento.

Uma noite dentro do trem. Agora, outra metidos em caminhões, por uma rodovia afora, aos trambolhões.

3 horas. O comboio formado. 20 veículos.

— Capão Bonito! Toca...

E os holofotes dos autos “abrem buracos de luz na caligem da noite”...

Guapiara — Destacamento, alto!

7 horas

Capão Bonito. Praça de guerra. O P./C. do coronel Pedro de Moraes Pinto está instalado mesmo no largo da matriz, na mal cheirosa residência paroquial. A guarnição é de 1200 homens. Ali está o batalhão do bravo Marcílio Franco. Estão ali os invencíveis rapazes do “14 de Julho”.

Capão Bonito, cidade venerada e pobre.

Casas simples, baixotas. Taipas desmoronando.

A agência telegráfica local recebe um “peixe”. Itararé retomada pelas tropas do coronel Pedro Dias. Foi um reboleço. Vivas. Palmas. E o comandante da praça não se contém: sobe no estribo de um automóvel e transmite a palpitante “novidade” aos soldados, num lírico e retumbante discurso marca tribunal de júri....

Café. Pão saído naquela horinha do forno da melhor e única padaria local.

Para frente.

Chegamos às 11 horas.

Guapiara é uma vila pequena. O destacamento não cabe nela. Nem um armazém, nem casa ampla. Foi preciso recorrer a igreja, que nos abriu suas portas de par em par (depois de consultado nosso capelão, cônego capitão Hubert Looyens, se não era profanação transformá-la em acantonamento: não era).

Depois do almoço, o comandante Tenorio entra a conferenciar com os oficiais de seu E/M.

Tudo estava mais ou menos concertado, quando, já de tardezinha, chega o tenente Pantaleão de Lima, comandante do pelotão de cavalaria. Vinha de um reconhecimento lá pelas bandas de Ribeirão Branco. As informações trazidas por esse oficial transtornaram, completamente, o plano do E/M. Taborda: a rodovia assinalada no “croquis” do tenente Castro e Silva só existia no papel... O que o mapa do Q./G. chamava, pomposamente, “estrada de rodagem”, não passava de uma linha pontuada (o caso faz lembrar aquela hipótese de ilha, na hora da tempestade, em alto mar, e quando em perigo um vapor português...) — uma picada, onde, por vezes, a própria cavalaria só passava com dificuldade, obrigada a transpor tremendos obstáculos. Como poderia marchar a coluna por uma vereda dessas? E a artilharia? E as M. P.?

Pouco depois, fica-se conhecendo, em suas linhas gerais, a verdadeira situação de Ribeira: sitiada pelos ditatoriais.

O major Tenorio de Brito, militar de valor nada vulgar e caráter cheio de nobreza, achava que era seu dever procurar salvar aquela cidade e seus companheiros da Força Pública, cercados pelas forças federais. Assim, enviou ao coronel Taborda este telegrama:

Guapiara, 30 de Julho de 1932.

Levando em conta a situação especialíssima em que se encontra a tropa da Ribeira, diante do sitio hoje iniciado, peço licença para sugerir a v. exa. a conveniência de ser feita pequena pressão sobre o Ribeirão Branco, devendo o grosso de meu destacamento, inclusive artilharia, fazer forte pressão sobre forças que ora sitiam Ribeira. Essa manobra torna-se tanto mais necessária quanto é sabida que, em vista das más condições dos caminhos para Ribeirão Branco, é muito problemático o emprego da artilharia contra essa localidade. Coronel Barbosa e Silva,⁽²⁾ vindo de Apiaí, e aqui presente, é da mesma opinião. Peço-lhe resposta urgente, afim de iniciar operações ás primeiras horas da madrugada. Atenciosas saudações.

(a) major Tenorio de Brito.

Chega a Guapiara, ás 20 horas, no automóvel do dr. Olimpio Alvarenga, o capitão Heliodoro Tenorio da Rocha Marques, um dos mais brilhantes oficiais da polícia paulista, escolhido chefe do E./M. do Destacamento "Tenorio".

Cerca de 23 horas, desce de um carro, vindo de Itapetininga, o tenente comissionado Eurico Guedes, trazendo a seguinte ordem do E/M. Taborda:

SETOR SUL

Itapetininga, 30 de Julho de 1932, às 11 horas.

Ordem ao major Tenorio:

I — A ação prevista por este comando sobre os elementos inimigos de Ribeirão Branco será realizada desde o amanhecer do dia 31.

II — O ataque será realizado por duas colunas partidas de Guapiara e Apiaí.

III — A coluna de Guapiara será constituída pelo vosso destacamento, reforçada pela secção de dorso, que o coronel Moraes Pinto colocará á vossa disposição para tal operação ⁽³⁾.

IV — Os detalhes da operação ficarão a vosso cargo, podendo o portador desta, tenente Eurico, vos das completas informações sobre o movimento por mim desejado.

V — É indispensável energia e esforço no presente ataque, que deve marcar o início da libertação do território paulista.

(a) coronel Taborda.

2 O ten.-cel. Barbosa e Silva comandava a praça de Apiaí.

3 O que não aconteceu, como veremos mais adiante.

Rumo de Apiaí

31 de Julho de 1932

Às duas horas a estação telegráfica de Guapiara recebia a resposta do Q./G.:

O coronel Taborda concorda com suas sugestões de atacar os elementos que sitiam Ribeira grosso seu destacamento, mas recomenda máximo cuidado e segurança artilharia, cujo comandante deve ser consultado. Ribeirão Branco deve ser conquistado desde cedo. ⁽⁴⁾. Toda ação conduzida máxima energia. Nosso comandante confia vosso valor e deseja ser informado com frequência marcha acontecimentos.

(a) capitão Alves Bastos, ⁽⁵⁾ pelo chefe do E/M”.

Nessa madrugada, recebe o tenente Ayres, comandante de pequeno contingente de bombeiros, em Guapiara, o seguinte bilhete do tenente Deusdedit, o comandante do destacamento de “Fazendinha” (margem da estrada para Apiaí):

Tenho informação segura de que o inimigo, em grande número, marcha sobre “Fazendinha”. Peço reforço máxima urgência.

Fazendinha, 30-7-32.

(a) tenente Deusdedit.

Quase ao mesmo tempo, manda, ao mesmo oficial, um recado o tenente Alceu, comandante do Banhado Grande:

Inimigo numeroso está reconstruindo a ponte que foi destruída no caminho de Ribeirão Branco. Peço transmitir notícia para frente e mandar-me reforço urgente.

30-7-32

(a) tenente Alceu.

Os dois bilhetes concordam em que o inimigo é numeroso, não concordando, entretanto, com o E/M de Itapetininga...

⁴ Como se vê, o E/M Taborda estava convicto de que não possuíam os ditatoriais, em Ribeirão Branco, nem 400 homens, pois achava possível ser essa cidade conquistada ‘desde cedo’, quando o grosso do destacamento deveria atacar Ribeira.

⁵ Autor do livro “Palmo a Palmo”.

A missa e a partida

O dia amanheceu claro e bonito, adivinhando que era domingo.

Às 7 horas, o capelão, cônego Looyens, sobe ao altar para rezar a missa obrigatória. Fala ao evangelho com sóbria eloquência. (Era necessário que cumpríssemos o nosso dever).

Todo mundo pensou na morte que não deveria estar longe... Pensou só. Mas não tremeu.

Logo a seguir, forma todo o Destacamento, no largo da matriz.

O comandante Tenorio, para dar maior eficiência ao “9 de Julho”, resolve, com os experimentados elementos da força Adonias, formar um batalhão misto, cujo comando ficou nas mãos desse oficial.

A tropa vai embarcando e vai seguindo, rumo de Apiaí. (O ataque a Ribeirão Branco seria feito via-Capoeiras, por causa da rodovia que só existia no mapa).

Às 10 horas toda força tinha seguido. Permanecem em Guapiara parte do P./C. do comandante Tenorio (o tenente Artur Gomes Saavedra e auxiliares) e a Intendência, sob a competente direção do tenente Durval Amorim, que deviam, no dia seguinte, pela manhã, transportar-se para Capoeiras. ⁽⁶⁾

Ao Cel. Moraes Pinto envia o major Tenorio, às 10,15, o seguinte despacho:

Destacamento, sob meu comando, iniciou, agora cedo, marcha desempenhando missão nos foi confiada. Peço informar, urgente, algo movimento de suas forças, visto ter transferir daqui a pouco meu P./C. para Apiaí. Depois de minha partida, ficará, aqui, no comandando da praça, o tenente Pantaleão, por intermédio de quem peço manter ligação.

(a) major Tenorio.

Às 11 horas, o cel Moraes Pinto respondia, sem nada dizer acerca do movimento de suas forças, obrigando Tenorio de Brito a insistir no pedido, a que ele deu esta lacônica resposta, às 11 e meia;

Resposta seu telegrama o sr. tem instruções gerais quanto movimento coordenado ⁽⁷⁾ com outros elementos que operam setor sul. Saudações.

(a) Moraes Pinto.

⁶ Do “9 de Julho” fica também em Guapiara, juntamente com a cavalaria do tenente Pantaleão de Lima, parte da 3.a Cia. - 50 homens, sob o comando do jovem tenente Miguel Forastiéri.

⁷ A guarnição de Capão Bonito era, naquele dia, como já ficou dito, de 1200 homens!

Afinal, o comandante da praça de Capão Bonito não quis mesmo anda informar a respeito do movimento de suas tropas, mau grado a insistência de seu ilustre colega de corporação.

A viagem para Apiaí havia de ser perturbada por uma notícia pressaga: caíra Ribeira em poder das tropas da ditadura...

Entre les deux...

Quando, às 18 horas, chegamos a Apiaí, essa cidade estava ameaçada de ser atacada pelos ditatoriais, sob o comando do coronel Airton Plaisant.

Marchando, imediatamente, sobre Ribeirão Branco, o grosso do destacamento, permanece uma cia. para reforçar os elementos do cel. Barbosa e Silva, empenhado na defesa da cidade, ficando, assim, prejudicado plano de rumar para Ribeira, em socorro do tenente-coronel Azarias Silva.

O major Adonias é o comandante do avanço sobre Ribeirão Branco. Nossas forças vão, nessa noite, além de Capoeiras, ocupando a localidade chamada Casa Branca, onde nos entrincheiramos. (Fica agregada a nossa tropa uma cia. do destacamento Barbosa e Silva, sob o comando do Capitão Cicero).

Mal chegamos, capitão Heliodoro da Rocha Marques, chefe do E./M. do destacamento, vai estudar a defesa de Apiaí, colocando, sem demora, os nossos elementos nas posições escolhidas – posições excelentes, na serra de Apiaí.

Abrem-se trincheiras e toda força está preparada para qualquer eventualidade.

Um pouco mais tarde...

1º de Agosto de 1932

À 1 hora, as tropas de Plaisant tomavam contato com as nossas (6 km da cidade), dirigindo a defesa de Apiaí, com admirável precisão, o capitão Heliodoro.

O P/C. do destacamento está instalado em Apiaí.

Pela manhã, a tropa começa a marchar em direção de Ribeirão Branco, tateando a de Ribeirão Branco, situação procurando engajar combate com o inimigo. Ao mesmo tempo, as forças de "Fazendinha" e "Banhado Grande" avançam sobre a localidade visada, como estava aprazado.

Pouco passava de 8 horas, quando chega, de automóvel, a Capoeiras, onde o Major Tenorio desejava instalar seu posto de comando, o tenente Castro e Silva, que, da parte do coronel Taborda, altera a ordem de movimento: já não devíamos tomar Ribeirão Branco (!) mas, sim, Ribeira, cuja queda produzira impressão que o E./M. de Itapetininga desejava, a todo custo, desfazer.

O tenente "Capacete de Aço" ⁽⁸⁾ entrega ao comandante Tenorio a seguinte contra ordem:

Itapetininga, 31-8-32. Às 2,30.

Entendi-me com o nosso chefe, cel. Taborda, qual resolveu que o ataque de amanhã seja a Capela da Ribeira, em vez do antes combinado (Ribeirão Branco).

Em consequência, deveis cobrir o vosso flanco, face a Capoeiras e manter guarda em Apiaí, lançando os máximos meios, com a máxima violência e rapidez, sobre Capela da Ribeira.

É preciso aproveitar a confusão em que o inimigo há de estar para destruí-lo num golpe, que afirme o valor da tropa paulista e transforme o episódio da Ribeira em vitória estrondosa que levante, completamente, a moral de toda tropa.

De ordem do cel. Taborda, aqui presente, estarei em Apiaí, pela manhã ⁽⁹⁾. Não deveis, entretanto, esperar minha chegada para agir, porque quanto mais cedo partir a tropa, maior será o sucesso.

(a) ten. Castro e Silva.

⁸ O tenente Castro e Silva, jovem e elegante, de corte de cabelo á germânica, apareceu, nesse dia, em Capoeiras, com um capacete de aço, o primeiro que víamos. Daí o ser cognominado tenente "Capacete de Aço".

⁹ Esta mensagem foi entregue pessoalmente, pelo "Capacete de Aço" pois não pôde ser enviada pelo telégrafo, visto a estação de Apiaí estar ligada com Ribeirão Branco, nas mãos dos soldados da ditadura.

Changer de place...

O destacamento faz meia volta, retornando a Apiaí, onde os últimos soldados chegam cerca de 11 horas.

É imediatamente reforçada a frente de Ribeira, verificando-se, pelo ímpeto do ataque dos ditatoriais, que eles eram em grande número. O comandante, teve, num relance, a visão exata da situação: deveríamos defender a cidade, não havendo probabilidade pelo número de nossas forças aparelhamento bélico, de uma ofensiva sobre Capela da Ribeira, como desejava o Coronel Taborda.

A força de Plaisant ataca, furiosamente, procurando subir a serra de Apiaí. A nossa tropa, conduzida, naquela frente, por Heliodoro, tem ali o seu batismo de fogo, portando-se com esplendida bravura. Fazemos três prisioneiros. Entra em ação, sem demora, a artilharia sob o comando do tenente Quintães, oficial que, pela sua competência, serenidade e patriotismo, honra a farda que veste.

Pouco antes do meio dia, chega a Apiaí uma notícia que causa apreensão: as forças de "Fazendinha" e "Banhado Grande", respectivamente, de 60 e 80 homens, haviam sido batidas. (A contra ordem do tenente Castro e Silva nos alcançara em Capoeiras, sem tempo de um aviso aos camaradas daqueles dois destacamentos!).

As notícias vindas da estrada eram de molde a impressionar, se bem que, sempre, nas notícias e informações da guerra, sejam as tintas demasiado carregadas.

Sem demora, às 12 e trinta, é enviado um reforço ao Banhado Grande (130 homens e uma seção de M. P.). Comanda o contingente o tenente Miguel Franco, da Força Pública, auxiliado pelos tenentes Eurico Guedes, Renato Costa e Paulo Mariano, estes dois últimos do C. I. M., da F. P.

No primeiro automóvel, seguem o comandante da força e o tenente Eurico. Na retaguarda, com a secção de metralhadoras, os Tenentes Renato e Paulo.

O tenente Franco, ao invés de, antes 6 ou 8 kl. do Banhado Grande, fazer a segurança da coluna, com patrulhas avançadas, não, caminha a 80 e 100 kls. a hora!?!

Resultado: a tropa é apanhada, de surpresa, numa volta do caminho.

Os nossos soldados mal têm tempo de saltar dos caminhões, em desordem, procurando entrincheirar-se nas elevações naturais do terreno. Mas a nossa situação era a mais precária possível: o inimigo, esplendidamente colocado, a cavaleiro da rodovia, dominava-a completamente.

A estrada é varrida com uma violência inaudita, atirando os canhões das forças federais com alça zero.

Dois de nossos bravos soldados tombam gravemente feridos, o dr. Afonso Negrais e Vitor de Calis (¹⁰).

Às 14 horas, mais ou menos, chega a Apiaí, de automóvel, em desabalada carreira, o tenente Miguel Franco, cujo primeiro pensamento, a hora do perigo, foi o de regressar ao P/C., abandonando a tropa a sua própria sorte...

O comandante Tenorio de Brito organiza uma expedição para retomar as posições perdidas, restabelecendo a comunicação com Itapetininga.

É confiado o comando da expedição ao major Adonias, que, além de cerca de 200 homens, conta com as duas peças de artilharia do tenente Quintães, empregadas, até aquela hora, na defesa de Apiaí.

O major Adonias leva severas instruções, no sentido de rechaçar o inimigo do Banhado Grande.

Parte a força

A artilharia se atrasa um pouco. Vem a noite a ação fica adiada para o dia seguinte.

¹⁰ O Destacamento Boanerges alcançou, às 8 horas, de 1º, depois de novo combate, a grande e boa estrada de rodagem Capela da Ribeira — Itapetininga. Foi uma operação, rápida e segura, do destacamento Boanerges. A violência e rapidez do ataque e da progressão não permitiam que o adversário de Apiaí fosse advertido e se retirasse. Ficou, desta sorte, com a retirada cortada, e isto porque a estrada Apiaí-Ribeirão Branco estava por nós guarnecida, o que sucedia, também, na Guapiara-Ribeirão Branco. (região de serraria). Tivesse o destacamento que atender somente a direção de Apiaí, e sua situação seria excelente. Mas, de Guapiara ou de Capão Bonito, o adversário, na ânsia de dar a mão aos camaradas "cortados", por certo lançaria contra o destacamento um forte contingente, capaz de remover o "impasse". Se de uma estação de rádio dispusesse a tropa defensora de Apiaí (quando se organizava o 2º "9 de Julho". tive a ideia de levar um aparelho de radiotelegrafia, sendo que havia, na tropa, dois técnicos. Nesse sentido, falei ao gerente do Instituto de Café, dr. Paulo de Lima Corrêa. Infelizmente Não se achou na praça na ocasião, o aparelho desejado — Nota do A.) fácil lhe ser combinar uma ação conjunta contra o destacamento Boanerges, atacado, concomitantemente, nas duas frentes, ao norte e ao sul do entroncamento de Capinzal. A situação não seria boa, antes melindrosa. Pelas informações então existentes, Capão Bonito estava fortemente guarnecido. E dispondo de auto-caminhões em abundância, fácil era ao adversário socorrer os companheiros em cheque. (O que dirá a isso o Cel. Moraes Pinto? Nota do A.). Pelas informações recebidas do Q/G (31-7-32) o Destacamento Plaisant devia alcançar Apiaí às 10 horas de 1º. Essa pretensão, porém, não se realizou e só a 3. (Resistencia força Cap. Heliodoro Nota do A.). O tempo corria, e com ele, aumentaram as possibilidades do adversário meter o destacamento entre dois fogos. Nesse interim, procedentes de Apiaí, surgem 6 caminhões e um "double-phaeton", transportando tropas. Recebidos a bala, de nossas posições, os soldados constitucionalistas abandonam os carros, e, internando-se no mato, às margens da estrada, sustentam conosco um violento e ligeiro combate, de cerca de 20 minutos. Dois autos ainda conseguiram voltar, ao que se disse, carregando feridos, entre eles o advogado Afonso Negrais, um dos oradores que usaram da palavra, por ocasião da entrega da bandeira ao "9 de Julho", pela Sra. Fernando Neto". (Grifos do A.). "Os episódios que precederam a queda de Apiaí — "Correio da Manhã". (De um de seus correspondentes do sul) — 27, agosto, 1932.

Noite de trevas...

A chuva começa cair, principio miúda, impertinente, quase silenciosa. Depois, torrencial.

Os caminhos estão encharcados.

Em meio do lamaçal tremendo, e sempre de baixo do aguaceiro, são tomadas, cerca de seis klms. de Banhado Grande, as necessárias medidas de segurança. Abrem-se trincheiras. Sentinelas avançadas vigiam a rodovia.

A chuva não nos dá tréguas. As trincheiraras cheias d'agua! Ensopados até a alma...

Os pensamentos são sombrios.

Pululam conjecturas. Ninguém fala. Entreolhamo-nos. A retaguarda cortada. Os feridos. Os prisioneiros. Metidos numa cidadezinha sem recursos. Paupérrima. Atacada, asperamente, pela gente de Plaisant. A nossa intendência e corpo de saúde, completo, em Guapiara. A tortura da chuva e frio... Uma miséria de munição! (¹¹). Gasolina quase nenhuma! Que fazer?

A situação era verdadeiramente angustiosa.

(Munição e gasolina eram enviadas de Itapetininga, diariamente)

Dos soldados que estiveram em combate, afirmavam uns ter o inimigo de 400 a 500 homens. Outros, tinham a impressão de ser a força dos ditatoriais de mais de 800.

E a noite tempestuosa decorreu, vagorosamente, como toda noite ruim.

O major Adonias, de ordinário tão otimista jovial, estava desanimado e triste...

Como amanhecemos, não é preciso dizer: fatigadíssimos e de moral abatido.

Sono, lama e fome. (O almoço só viria às 11 horas. de Apiaí. Felizmente havia um pouco de bolacha, salsicha e corned-beaff, para temporizar).

Uma cortina de neblina tapava nossa frente.

Às oito horas, mais ou menos, após o esforço quase sobre-humano, começa a movimentar-se a coluna, procurando contato com o inimigo.

Eis senão quando...

¹¹ Pela manhã, pedindo Tenorio ao tenente-cel. Barbosa e Silva mais munição para a frente de Ribeira, atacada desde a madrugada, sem parar, dele recebeu este bilhete:— "P/C. de Apiaí, 1.º-8-32. Ao sr. major Tenorio de Brito. Remeto seis cunhetes de munição, ficando somente com ou outros seis. Pessoal não tenho. O restante seguiu, agora, para um posto de vigilância, em Pinheiros. (a) ten.-cel. Barbosa e Silva".

Capitular? Não!

Ouve-se, ao longe, um toque de clarim.

Não demora, as sentinelas avançadas avistam um caminhão, esvoaçando, ao vento, uma bandeira branca. E logo atrás, um carro esporte.

Fazem alto: era o capitão Nelson Tinoco, do E./M. do coronel Boanerges, que desejava parlamentar com o comandante da tropa constitucional lista. Vinha acompanhado de um outro oficial, creio que o tenente Murat Guimarães, de duas praças e de três soldados nossos, feitos prisioneiros na véspera.

O capitão Tinoco, tipo vistoso. Mais alto que baixo. Nariz adunco. Olhar firme. Gestos sóbrios. Postura elegante. Vestia uma capa cor de azeitona, dessas que costumam usar os oficiais do Exército. Seu companheiro, um sujeitinho baixote, gorducho. Riso sarcástico, alvar. Feioso. Mais ou menos insolente.

O tenente Castro e Silva, que dormira na estrada, (estava em sua companhia o major Hugo Gaudio, da engenharia), pois não conseguira mais passar para Itapetininga, topa com os emissários ditatoriais. Antigo companheiro de Nelson Tinoco, na Escola Militar, entram a confabular, convidando-o, depois a tomar assento em seu automóvel, no qual ele viaja até ao nosso acampamento ⁽¹²⁾

O tenente Castro e Silva faz as apresentações.

Imediatamente, os recém-chegados, dizendo ao que iam, entram a confabular.

O major Tenorio reúne, no melhor rancho do sítio, toda sua oficialidade.

O capitão Nelson Tinoco trazia-nos uma intimação: rendição incondicional.

Eles eram duas ou três vezes mais do que nós. Éramos atacados em duas frentes (Banhado Grande a Apiaí) e a solução era essa.

O emissário do coronel Boanerges fala com suavidade na voz. Faz um apelo aos sentimentos de Tenorio de Brito. Era mister poupar o "generoso sangue paulista". Não se render era "sacrificar a mocidade" que ali estava.

O major Tenorio, logo, com firmeza, declara ser, em princípio, contrário, absolutamente contrário, à rendição.

Comandando uma força composta de moços paulistas, empenhados numa luta que reputava sagrada, pela lei e pela liberdade, ele não tinha o direito, afirma, de conduzir os jovens e valorosos soldados num passo que pudessem enodoar seu nome e as tradições gloriosas de sua terra.

¹² A chegada dos ditatoriais, ao acampamento, na companhia do "Capacete de Aço", causou espécie, havendo desconfiança da fidelidade desse oficial a nossa causa, suspeita, que, depois, se verificou era infundada. O tenente Castro e Silva foi comissionado, depois, no posto de tenente-coronel, indo comandar um destacamento no Paranapanema. A diferença foi, apenas, de uma palavra...

O Capitão Tinoco insiste em sua tecla, dizendo que eles estavam, no campo adverso, defendendo a legalidade (!).

— A legalidade defendo eu, desde 1922, diz Tenorio de Brito, com um sorriso no canto dos lábios...

Enumerando as tropas que estavam do outro lado, Tinoco convida o tenente Castro e Silva a ir até ao seu acampamento, para verificar, de visu, o que afirmava.

Consultado, o major Tenorio concorda (¹³).

Era preciso dar tempo ao tempo...

A questão ficara posta nestes termos:

¹³ "Nitidamente definida a situação difícil em que a rápida manobra do destacamento Boanerges colocara a tropa de Apiaí, cortando-a de seus possíveis reforços colocando-a entre dois fogos, ocorreu ao comando, por uma questão de humanidade e para não perder mais tempo (principalmente, "para não perder mais tempo" — de certo... Nota do A.) negociar uma rendição. Prontificou-se à arriscada (!) missão de parlamentares os destemidos capitão Nelson e 1.º tenente Murat Guimarães, que, por motivos diversos e dificuldades de preparativos, devido ao adiantamento da hora, tiveram de adiar para o dia 2 a sua importantíssima tarefa. Às 10 hs., partiram em direção a Apiaí, donde regressaram em companhia do 1.º tenente Bougard (?) de Castro e Silva, pouco antes do meio dia, sendo, então, discutidas as condições de capitulação (Não é verdade: Castro e Silva foi, como disse, apenas verificar o efetivo do Destacamento Boanerges. Nota do A.). A proposta feita pelo comandante do destacamento concretizava-se nas seguintes condições (as mesmas dadas pelo capitão Nelson Tinoco, em nome de Boanerges. — Nota do A.):

a) — as forças paulistas acham-se completamente envolvidas e com as comunicações cortadas, não podendo contar com recursos alguns, seja em pessoal, seja em reaprovisionamento, de um modo geral;

b) — o efetivo de 600 homens, em regra estudantes sem tirocínio militar, é cinco vezes inferior ao que o envolve (destacamento coronel Plaisant, de Capela da Ribeira; 13 R. I., de Ribeirão Branco; 7. R. I., 13.º B. C., Gr. 5º, R. A. M., Esqus, de 5º R. C. D. e da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que constituem o destacamento do coronel Boanerges), não podendo, portanto, resistir ao ataque conjunto, que importa num massacre inglório de preciosas vidas da mocidade patricia;

c) dignidade da tropa envolvida, chefes e comandados, não pode sofrer o menor deslustre com este ato, de vez que já se bateu bravamente e a situação tática em que se encontra não lhe faculta outra atitude, sendo ignominia deixar-se massacrar e chacinar uma grande plêiade de moços da elite social paulista, capaz de grandes empreendimentos futuros em prol da grandeza da nossa pátria, — propondo —, levado por sentimentos de humanidade, a rendição dessa força, mediante a garantia de vida e a ressalva de sua dignidade militar, certo de que o governo tomará em consideração, como uma grande atenuante, o seu gesto de renúncia à luta, o qual importará na poupança de vidas, de tempo e de material, bem como na aceleração do cumprimento da missão posterior ao destacamento". (Grifos do A.).

— "Os episódios que precederam a queda de Apiaí". — "Correio da Manhã, (De um de seus correspondentes do sul). 27, agosto, 1932.

Castro e Silva iria ao P/C do cel. Boanerges. Tenorio, pessoalmente, contra a rendição, todavia, iria reunir seus oficiais, Apiaí (era necessário ouvir o comandante da praça, tenente-coronel Barbosa e Silva, e o chefe do E/M do destacamento, capitão Heliodoro) — e eles discutiriam a proposta.

Eram 9 horas. Às 1, conferenciariam, de novo, ali mesmo.

O capitão Tinoco regressa para o Banhado Grande, rumando, imediatamente, para Apiaí, comandante Tenorio.

Às 11 horas, o tenente-coronel Barbosa e Silva, cap. Heliodoro e demais oficiais eram inteirados da situação.

Não houve uma opinião discordante: rendição, nunca!

Era preferível tudo, menos a rendição. 900 homens entregando-se, incondicionalmente, ao inimigo. Não!

Ocorre a um dos presentes uma retirada em direção de Iporanga. Consultados os mapas e os geógrafos da terra, ficamos convencidos de que a única saída daquelas paragens era mesmo para Iporanga, por uma picada através da serra de Paparanapiacaba.

O major Tenorio deixa tudo preparado.

O comandante da praça se encarregaria de arranjar cargueiros para levar alguns viveres. E a retirada começaria às 15 horas.

O capitão Heliodoro deveria perder o contato com as tropas de Plaisant ao anoitecer. A última força a retirar-se seria a cia. do comando do capitão Cicero, (¹⁴) que ocupava Capoeiras.

Esta força daria a guarda da retaguarda, devendo comandar a vanguarda o major Adonias, comandante do batalhão misto "9 de Julho".

Prosseguia, com redobrada violência, o ataque a Apiaí, estando quase esgotada nossa munição!

O major Tenorio regressa a estrada, para um novo encontro com o capitão Tinoco.

Realiza-se a conferencia pouco depois das 14 horas.

O tenente Castro e Silva confirma as declarações do oficial-emissário de Boanerges: o adversário contava mesmo com cerca de 2 mil homens, tendo visto, do outro lado, as unidades:

5.º R. A. M. (2 baterias, com 8 peças).

13.º R. I. (um batalhão).

7.º R. I. (um batalhão).

13.º B. C.

5.º R. C. D. (três pelotões).

1.º Cia. Brigada Gaúcha.

2.º B. C. (¹⁵).

¹⁴ Também presente a reunião da oficialidade para a discussão da proposta Tinoco.

¹⁵ Conta-se do tenente Castro e Silva que, de regresso do Banhado Grande, após verificar a situação de superioridade do inimigo, deu expressivo aparte num diálogo de Tinoco e

O major Tenorio, procurando ganhar tempo, levanta a questão do armamento: não nos poderíamos render, entregando as nossas armas, que se voltariam contra nossos companheiros de luta. Isso não era digno e não era nobre.

O capitão Tinoco concorda. E, mesmo sem autorização do cel. Boanerges, declara que não faz questão do armamento, do qual poderíamos tirar uma peça. E mais: os prisioneiros seriam enviados para Curitiba, respeitando-se a hierarquia militar.

Ficou, então, estabelecido um prazo: se até meia noite ⁽¹⁶⁾ não enviássemos, ao Banhado Grande, um automóvel com luz vermelha, é porque não havia lugar para entendimento e a luta prosseguiria.

Há ainda alguns minutos de palestra cordial.

Nelson Tinoco elogia a rodovia Itapetininga Ribeira, a que o nosso comandante ajunta:

— Sim, é ótima. Quando ela estava sendo construída, o dr. Julio Prestes costumava dizer que seria o abraço fraternal de S. Paulo aos seus irmãos do sul. E, no entanto...

Odisseia

Não havia a escolher entre a capitulação incondicional retirada, por mais penosa que ela fosse, e o foi em verdade!

Dois quilômetros além de Apiaí, fomos obrigados a abandonar os caminhões, convenientemente inutilizados. O mesmo acontecendo com o material pesado. (as peças de artilharia ficaram escondidas no mato). Além daquele ponto, o caminho se reduzir a uma simples, infame picada, lugares havendo que mal davam passagem a um cavalo.

E não tardou a se erguer, aos nossos olhos, os "alcantis da serra Paranapiacaba, cobertos de vegetação densa, rasgados em grotões profundos praticamente impenetráveis" ⁽¹⁷⁾.

O tempo continuava péssimo. Uma chuva, fina e fria, caía, peneirando.

A perda de contato com o inimigo, na frente de Ribeira, foi feita, magistralmente, pelo valoroso capitão Heliodoro da Rocha Marques, que, mais uma vez, demonstrou, no campo da luta, o seu notável valor militar e a riqueza de seu caráter.

Aderem à tropa em retirada 120 homens — 120 bravos! — que, sob as ordens do intrépido capitão Miranda, vinham, já há quatro dias, caminhado

um chauffeur :— Obedeça. Quem manda agora, aqui, é o Capitão Tinoco. E bateu-lhe, acamaradamente, no ombro...

¹⁶ O capitão Tinoco desejou fixar o prazo até as 18 horas, com que o major Tenorio não concordou.

¹⁷ "Palmo a Palmo". Cap. Alves Bastos - pag. 28.

pela serra, abrindo picada na floresta virgem, desde Ribeira, pois preferiram esse martírio à vergonha da rendição (¹⁸).

A última tropa deixa Apiaí às 18, 30 (cia. do cap. Cicero, do Batalhão Barbosa e Silva, que deve ria fazer a guarda da retaguarda)

A caminhada através da serra de Paranapiacaba prossegue, noite adentro, sempre debaixo de aguaceiro, decorrendo cheia de asperezas, constituindo sacrifício inaudito, de que a palavra não consegue, senão palidamente, dar uma ideia.

Ninguém lograra dormir porque não havia casas na serra e a chuva continua caindo. Fininha e impertinente, ou torrencial e violenta.

Chão vermelho e escorregadio, a dez ou vinte passos, corresponde a uma queda. Rolava-se, geralmente, nas descidas. E nas encostas da montanha, para galgá-la, era preciso agarrar à relva ou, como acontecia, muitas vezes, enterrar as unhas no barro, como um quadrúpede qualquer. Lugares havia, pantanais horríveis, onde a gente marcava passo, com a lama até os joelhos...

Cortando a floresta espessa, vadeando rios, contornando abismos, transpondo vales, debaixo de tempestades e de relâmpagos, cujos clarões iluminavam a selva bruta, os denodados soldados do 2.º B. R. "9 de Julho" demonstraram admirável fortaleza de ânimo, não se deixando vencer ante todos os tropeços que entravavam nossa passagem.

Relampeia. Relampaguear. Relampejar.

Que noite!

madrugada vem vindo...

3 de Agosto de 1932

Aí, então, é que travamos conhecimento com a floresta maravilhosa da serra de perspectivas sem par. Ao longe, a silhueta azul da montanha, adivinhando-se, lá longe, o mar...

O panorama que se desdobrava sob nossos olhos cansados era o único lenitivo para tão grandes sofrimentos, odisseia que se não descreve!

O esplendor da criação de Deus!

E a gente avançava, rezando

á doce Religião da natureza amiga...

A picada foi traçada, num pedaço noutro, na crista da montanha esplendorosa, não se sabendo para onde olhar, se a esquerda, se a direita. E uma sucessão de serras, emparelhadas — maravilha! — como numa formatura de parada em dia de festa nacional.

Penedos traçam, no ar, figuras de gigantes;

Cada ruído ameaça, e cada vulto assombra!

¹⁸ O tenente-coronel Azarias Silva, entre uma coisa e outra, inexplicavelmente, escolheu a capitulação.

Vicente de Carvalho devia conhecer, certamente, a serra de Paranapiacaba...

Aqui e ali, são capoeirões só de palmeiras farfalhantes e avencas rendadas, de todas as qualidades e em todos os estilos. E os jequitibás, que sobem para o céu, majestosos, espiando as outras árvores do alto de seu soberbo "aplomb". A gente verifica que são os próprios troncos velhos, remoçados, que riem no riso em flor das parasitas...

Assalta-nos um desejo grande de abrir clareira na floresta. E repousar...

Os rios e os riachos, sem conta, não têm pontes, nem pinguelas. Temos que atravessá-los com água pela cintura, quase a nado.

Foge-nos força. Relaxamento de nervos que vai se acentuando, obrigando-nos a reagir. E reagimos. E vamos adiante.

E vem a noite. E, com ela, a escuridão e o seu cortejo de sombras.

Nas Furnas, pequena povoação, onde há uma empresa que explora mineiros, bebemos café. E só.

Caminha-se, léguas e léguas, sem encontrar viva alma. Só vimos um laranjal. Um apenas. Região deserta e pobre de viveres, como é rica de paisagem. Um pouco de rapadura. Um pedaço de cana. E quase mais nada.

Dois ou três caboclos de cócoras.

— Você tem aí alguma coisa que se coma, moço!

— Já se acabou-se tudo...

— E Iporanga? Quanto falta pra chegar?

— É pertinho. Só falta oito léguas...

Alguns conseguem atingir, nesta noite, Iporanga. A maioria procura descansar, pelo caminho, ao relento, e sob o açoite da chuva.

O soldado arqueja sua, faces esqueléticas, olheiras profundas, roupas em andrajo.

Estamos moídos! São cem, duzentos, mil tombos.

Os pés, uma chaga viva. Sucede a cada descida, uma subida. E a serra não acaba mais! E a enormidade das dores ainda por curtir?

Não existe, talvez, na nossa história, notícia de odisseia tamanha. A longa fila ondula e se penteia. E a longa marcha através da noite e das furnas avança...

Amiúdam-se os báratos. Insignificante o trilho por onde passamos. Nossas botinas têm quase um palmo de lama. Equilibramos aqui, tombamos ali.

Alguns soldados, nas trevas da noite, exaustos, em trapos, escorregando, precipitam-se nos despenhadeiros. É um corpo que cai, surdamente, e como sentiria Bilac,

Rola, e tomba, e se despedaça, e morre...

4 de agosto. 5, 6, 7 de agosto...

E prossegue a odisseia — rumo de Xiririca. A região é outra, felizmente. Surgem os sítios, as fazendas, e, com eles, a alimentação, farta e boa.

Alguns soldados conseguem lançar mão de frágeis batelões, descendo o Ribeira, belo e encachoeirado, e traiçoeiro. São sem número as corredeiras. Exaustos e inexperientes — os soldados se improvisam barqueiros — e vão rio abaixo numa aventura sensacional, na e vão rio qual muitos eles perdem a vida, ⁽¹⁹⁾ sôfregos em chegar, em pôr termo ao martírio inenarrável da retirada. São canoas que se enroscam nos ramos, redemoinhando nos remansos, espatifando de encontro às pedras, à mercê da correnteza...

Uma patrulha ditatorial alcança Iporanga, fazendo prisioneiros soldados retardatários e doentes. E a guarda da retaguarda? E os 100 homens do tal capitão Cicero? É preso, também, o tenente Castro e Silva, que logra fugir ⁽²⁰⁾.

¹⁹ Morre afogado, na Ribeira, jovem casabranquense. Soldado modelar que honrar as tradições de sua terra – Angelo Stefanini.

²⁰ A retirada, dada a natureza do terreno, não poderia sido executada em perfeita ordem. A culpa de ocupação de Iporanga por cavalarianos comandados pelo tenente Maranhão (dizem que filho de um paulista, o dr. Luis de Albuquerque Maranhão, ex-vice-presidente do Paraná e senador federal por esse Estado) a prisão de camaradas nossos cabe ao capitão Cicero (do destacamento Barbosa e Silva) que, não tendo noção de seus deveres de militar e de homem, não fez a segurança da retaguarda da coluna em retirada, permitindo que sua companhia de guerra debandasse vergonhosamente. Um médico e vários soldados do "9 de Julho" foram presos porque, fatigados, vinham mais devagar, na retaguarda, certos de que, mais atrás, uma força, como ficara determinado em Apiaí, garantia a tropa em marcha...No dia 4, pouco antes da chegada do tenente Maranhão, estavam em Iporanga, entre outros, os soldados do "9 de Julho" (Carlos Corrêa Mascaro, Paulo Ferrás e Seragioli. Esses moços procuram o major Hugo — da Engenharia, companheiro de Castro e Silva. Esse oficial comissionado prestou excelentes serviços à coluna). O major aconselhou a que descansassem até que as embarcações voltassem, pois, achava, era pouco provável viessem o inimigo em perseguição dos retirantes. Enganava-se. Não decorreram nem 15 minutos, ouvem-se tiros e surgem, numa das ladeiras características de Iporanga, soldados ditatoriais. Apontando os fuzis, eles gritam: — Não corram que garantimos a vida! A cidade estava cercada. Sabia-se que os oficiais paulistas haviam feito acordo para a rendição da praça. E estavam todos presos. O armamento devia ser recolhido com urgência.— Sem mais demora, conta um de nossos soldados — sob a chuva inclemente, reunimo-nos, todos, no pátio da igreja. Apareceu, então, o tenente Castro Silva, que, de começo, pensara em resistir, e entre lagrimas soluços, falou, mais ou menos, o seguinte: “fomos presos por um esquadrão de cavalaria da polícia do Paraná. Não nos entregáramos sem condições. O armamento seria inutilizado e não mais serviria para o sacrifício de nossos irmãos, empenhados, aquele momento, por divergência de ideias, em luta fratricida. Poderia esse armamento ser útil, algum dia, quem sabe, para a defesa do território pátrio contra invasões estrangeiras.” Guardados os ferrolhos, muitos dos quais retomados, depois, em Apiaí, tivemos ordem de descansar até ao dia seguinte. Pela manhã de 5, soube-se que o tenente Castro e Silva "pirara", sabendo-se, também, que ele disse ao oficial ditatorial que fugiria se houvesse oportunidade. Constou até que houve certa combinação para a fuga de "Capacete de

Xiririca, cidade boa, acolhe-nos generosa mente. Todos os lares se abrem à nossa chegada.

Soldado não há que não encontre um leito para repousar o cansado corpo ou uma mesa para matar a fome. Recebemos roupas. Recebemos frutas. Os barbeiros não cobram seus serviços. O sapateiro italiano do largo da matriz engraxa centenas de botinas e perneiras a troco de um "muito obrigado", porque ele não aceita dinheiro de soldado paulista. A casa do vigário português, gentil e simpático, é um teto para quem dele quiser servir-se...

Que homem generoso o tabelião João Santiago de Oliveira! Ele e a família inteirinha.

Xiririca dá-nos tudo do pouco que possui.

10 de agosto. O navio no porto. "Vicente de Carvalho".

Sete Barras.

— Um tiro! Que foi?

Coitado do sargento Patricio, camarada ótimo, cozinheiro inigualável. Não morreu nos combates, para perecer, assim, acidental e estupidamente.

Registro

Dois dias na colônia japonesa. Niponicamente...

Farda nova Botina nova

13 de Agosto. Juquiá⁽²¹⁾.

Um dia inteiro de navio. As curvas do rio bonito. A surpresa das perspectivas...

Trem especial da Sorocabana. À meia noite, descemos em Santos.

Baldeação. Às 4 horas., após dois dias de viagem exaustiva, estávamos no nosso quartel, à alameda Ed. Prado.

Recebem-nos Oliveira Cesar, o Cel. Quirino.

Estava tudo preparado: alojamento, café, boia e roupa.

Não foi surpresa. Já conhecíamos, de sobejo, a capacidade organizadora e a dedicação imensa do intendente do Regimento, o capitão Antônio Rangel de Barros França.

A cidade despertava barulhenta e estouvada.

Pálpebras cansadas. Tudo diferente.

Teríamos acordado de um pesadelo?

Quantos dias de repouso iríamos ter?

Dia 15. Revista às 7 horas.

Ordem do Q/G. da F. P.: embarcar, às 14 horas, para Cunha.

Aço". Nesse mesmo dia, deu-se a partida dos prisioneiros, para Apiaí. Longa e penosa jornada de retorno. Três dias de viagem. Lá estava a coluna Plaisant, com seus 1.500 homens...

²¹ O cel. Barbosa e Silva, sempre tão afoito em chegar na frente, dessa vez ao que parece. para não enfrentar as críticas sobre a retirada, preferiu que partisse, primeiro, major Tenorio...

Depois, contraordem: para Itapetininga, a pedido do Cel. Taborda. O nosso destino era mesmo Itararé...

O trem especial encostou no desvio dos Armazéns do Instituto de Café Palmas. Aclamações. E, de novo, muitos olhos vermelhos...

Sorocaba, (O comendador Pereira Inácio paga um "lunch" esplendido).

A Batalha de Buri

Era o coronel Favila.

Os dois oficiais conversam reservadamente. E o trem prossegue, sem demora. Marcha bem reduzida.

Cinco horas. A lua desapareceu atrás de umas nuvens, cedendo lugar ao sol.

Zona de guerra.

Acarassú fica para trás. E surge, logo adiante, Vitorino Carmilo. A composição estaca uns duzentos metros antes.

Os rapazes do 2.º Batalhão do Regimento "Nove de Julho" vão descer.

Dentro de alguns minutos, a tropa está toda preparada.

Recebe-nos, aristocrática e imperturbavelmente, o cel. Cristiano Klingelhofer, trazendo na cabeça o seu capacete da grande guerra.

O capitão Djalma Dias Ribeiro distribui ordens.

A nossa unidade vai ocupar o flanco esquerdo. E marcha, um a um, pela encosta. A frente de sua força, o major Tenorio de Brito.

Verdadeiramente esplendidos aqueles campos, que se desdobram de Itapetininga além, até Itararé, nas fronteiras do Paraná. Sucedem-se as colinas suavemente onduladas, pontilhadas, aqui e acolá, de capoeirões de mato, povoados, como nunca vi, de uma passarada sonora — barítonos de casaca verde e colete de ouro. Os canários da terra, os sabiás e os pintassilgos andam, aos bandos, enchendo de canora alegria aquelas paragens paulistas, alheios à metralha e o ronco surdo dos canhões.

A artilharia inimiga percebe a nossa tropa em marcha. Nem quinze minutos eram decorridos, começam a cair as granadas. A cem, a cinquenta e até a vinte metros de nós. Não nos intimidam os obuses da ditadura.

Vamos para a frente.

O "Nove de Julho" se entrincheira à esquerda, (nas posições que o 6.º B. C. R. fora, na véspera, obrigado a abandonar) pondo-se logo em contato com o adversário.

A fuzilaria é forte.

Não importa. Cada soldado paulista vale por três ou quatro ditatoriais (22).

²² Éramos, naquela frente, sob o comando do coronel Klingelhofer, 1.030 homens, sendo 6.º B. C. R. = 300 combatentes, 2.º 9 de Julho. = 250, 9.º B. C. R. = 200, 1.º B. C. R. =

9, 10, 12, 14 horas. A luta nas trincheiras prossegue com pequenos intervalos. A artilharia é que não nos dá tréguas.

Os soldados não tomaram café e ainda não almoçaram

A intendência, instalada na turma n. 15, já preparou a "boia".

O "lunch" da manhã não pode chegar na linha de frente.

O soldado que levava a lata de café pôs o pé num buraco de tatú e era uma vez a preciosa rubiácea.

Vem vindo lá adiante um ferido.

É o soldado Osvaldo de Mélo Sylos, que tomou um tiro no braço. Um caminhão transporta-o para o posto de socorro. Zacarias de Carvalho precisa, igualmente, de socorros médicos. Está ferido, também, o soldado Brás Rosa.

— E o almoço?

Às 12 horas, parte da 1.^a Cia. retira-se para a linha férrea. É que havia acabado a munição! O combate continuava. E era preciso que esses soldados se reunissem aos seus companheiros

— Onde está o tenente Basoni?

O tenente comissionado Valter Camareiro dá parte de doente, mas os médicos não conseguem fazer o diagnóstico de seu mal...

Às quinze horas, o intendente Durval Amorim procura levar alimento aos soldados.

Era mister conduzir, também, para o campo em que a luta se desenhava áspera, uma outra metralhadora pesada. Na turma 15, fica-se esperando, toda a vida, um caminhão hipotético. O capitão Djalma manda dizer, depois, que não é possível enviá-lo.

Vão a braço, lá para cima, comida, metralhadora e munição. E com que sacrifício, Deus do Céu!

No alto, no vale formoso, de esplendida perspectiva, estaca o pessoal da comida e material bélico.

A nossa gente, nesse momento, está se entrincheirando num valo, que quase dividia o campo da luta.

As fuzis metralhadoras inimigas varriam, violentamente, toda aquela cercania.

O inimigo surge, no horizonte, marchando, em grande número, em linha de batalha, sobre o "Nove de Julho". Eram dezesseis horas e pouco.

Chegara a vez da metralhadora levada da turma 15.

100, 7.º B. C. R. = 100, Esquadrão Jardim = 80, Total = 1.030 homens. Os ditatoriais, cerca de 6 mil! — Foi, essa sem dúvida, a operação culminante entre todas que presenciamos no setor sul. Os meios postos em ação e o caráter acentuadamente clássico de que se revestiu, poderiam mesmo, indica-la como um caso concreto digno de estudo. Correspondentes da imprensa acreditados junto ao E/M do General Valdomiro chegaram a classifica-la como "a maior batalha da América do Sul" — "Palmo a Palmo" — Capitão Alves Bastos — pag. 65.

Há uma ligeira confusão. O intendente Durval Amorim dá provas de sua energia férrea, de seu sangue frio admirável. Alguns homens apavorados, largam as caixas de munição e os vasilhames de comida. Ele, de pé, de revólver em punho, adverte meia dúzia de maricas:

— Quem abandonar munição ou o rancho morre!

Todos cumprem o seu dever. Entre os que com galharda coragem, estão ali, levando vasilhames de comida e cunhetes de munição, notam-se os médicos 1.º tenente Dr. Joaquim Gomes dos Reis Jor. e os aspirantes Drs. Antonio Pinheiro e Aristides Peres. O tenente dr. Ariovaldo de Carvalho vai socorrer os feridos.

O almoço-jantar volta para a retaguarda. O mesmo não se poderia fazer com a metralhadora e sua munição.

O sargento Afonso Meyer se adianta, oferecendo-se para ir em auxílio dos nossos camaradas. E vai mesmo. Destemidamente.

Procuramos, com a urgência que o momento exigia, colocar a peça em terreno favorável.

O major Tenorio de Brito, comandando sua tropa, vem ao nosso encontro, para fazer funcionar, sem demora, a metralhadora pesada. O local por nós escolhido, no corre-corre emocionante daquele minuto, não era o mais conveniente. O comandante que atravessou, sem se abaixar, toda a linha visada pelo inimigo, deseja máquina mais para baixo, À direita. Era necessário conter a marcha dos adversários de São Paulo. Transportamo-la e toda a munição, sobressaindo-se, nesse trabalho, pela sua bravura, o 1.º tenente Durval Amorim, o cabo Getulio Gimili, os soldados Vitor Atolin, Esmeraldino José Luis Serpa e o cabo Cléo Ferreira.

Carregamos, para junto da metralhadora, toda a sua munição, e, sem demora, ela varre, furiosamente, todo cimo da colina, por onde vinha descendo a onda dos soldados da ditadura.

Estava definida a nossa posição, que deveríamos manter a todo custo.

O sargento Afonso Meyer é encarregado de ir à estação buscar mais munição, ficando ferido, na perna.

Em dado momento, o major Tenorio deixa-se assaltar pela dúvida: não andaria, ainda, lá pelo alto, gente nossa? E alguma patrulha?

E o comandante resolve tirar o caso a limpo.

— Vou até onde estão nossos companheiros. Preciso que um homem me acompanhe. (E olha para trás).

— Pronto, meu major. Eu vou!

E vamos descendo a encosta.

O major Tenorio não se agacha. Marcha firme. Calma, altiva, serenamente.

Soldado nenhum pode acovardar-se ao lado de um chefe como esse.

As balas zunem por cima de nossas cabeças. À direita. À esquerda. Resvalam no capim. Arrancam lascas vermelhas de cupim. E chegamos, incólumes, milagrosamente, às nossas posições.

O comandante verifica que todos os soldados da companhia comandada pelo tenente Dr. Otavio da Silva Leme já desceram.

Recebo, então, ordem de voltar, imediatamente, até onde estava a metralhadora pesada. O alto da colina podia ser varrido com toda a infernal impetuosidade de que é capaz uma metralhadora pesada.

Não hesito um segundo.

Vou e, graças a Deus, chego até a peça, exausto, levando a ordem do meu bravo comandante

O cabo Gimili a postos.

Rompe a metralhadora de novo, forçando inimigo a recuar em desordem.

E com o inimigo vai o sol também recuando, vermelhão, tímido e cansado.

A noite vem descendo. A metralhadora emudece.

De vez em quando, um tiro de fuzil. Seco, metálico.

Tá. Tá. Tá.

— TáTá...

E um silencio enorme cai sobre nós...

O 6.º B. C. R. no combate de 15 de Agosto de 1932

Para dar o devido valor a resistência heroica dos soldados paulistas, no combate às portas de Buri, é preciso considerar duas condições capitais — a modestíssima densidade das nossas linhas e a pouca munição de que dispunham nossos poucos soldados.

Podemos afirmar que, na "maior batalha já havida na América do Sul", segundo classificação dos ditatoriais, não tomaram parte senão mil combatentes constitucionalistas. E podemos afirma-lo porque o tenente Plinio Rodrigues de Moraes ⁽²³⁾ foi quem distribui ração de emergência cia a

²³ Escrevo estas notas consultando o "Diário de Guerra", de Plinio Rodrigues de Moraes, que comandou os moços de Tiete até S. Paulo, e daqui partiu, a 26 de julho, como intendente do heroico 6.º B. C. R., cuja bravura indomável enche de orgulho a nossa alma de paulista — e, depois, foi subcomandante do Batalhão "Tenorio". A infantaria adversaria, investindo com vigor, contra as nossas linhas, sofre severas baixas, mas consegue recalcar os elementos de ligação do 6.º B. C. R. com a extrema ala esquerda. Sobre esse batalhão e sobre a companhia Hernani, do "Borba Gato", incide o esforço principal do inimigo que, em sua frente, concentra meios esmagadores. Há trincheiras investidas a arma branca por elementos da polícia gaúcha. Os voluntários paulistas não se intimidam, porém, e, por sua vez, apelam para o ultimo cartucho dos valentes - a baioneta. Mas, em fim de jornada, nossa linha está rota. A ala esquerda do 6.º B. C. R., no limite da resistência de seus homens, anulara-se, absorvida pelo terreno, onde os soldados desaparecem em debandada, ou submergida pela progressão dos numerosos pelotões adversários. A Companhia Hernani fora obrigada a se retirar, também, e, assim, se desarticulava o dispositivo Klingelhoefer. Nessa região de esforço principal do inimigo,

todos os combatentes, que lhe permitiu conhecer, com muita aproximação, o seu número.

Quanto a munição basta expor seguinte: Cabia ao 6.º B. C. R. importante papel na operação de ataque a Buri. Devia ele atacar, pela frente, em quanto a expedição chefiada pelo major Arlindo transportava o Apiaí, para surpreender o inimigo pela retaguarda. O 6.º B. C. R. que, desde o seu desembarque em Ligiana, fazia vanguarda, tinha pouca munição (o que nem era preciso dizer).

Organizou-se um trem especial e, na noite de 10 para 11 de agosto, o tenente Plínio vai a Itapetininga com o modestíssimo pedido de 10 cunhetes de munição. Só conseguiu 4. Sete mil e duzentos tiros para uma tropa que ia receber o choque máximo da "maior batalha já há vida na América do Sul"...

No dia seguinte, 12 de agosto, volta aquele valente oficial a Itapetininga, de onde trouxe mais 3 cunhetes de munição, que entregou ao Cel. Klinghoffer.

Ao amanhecer de 15, desencadeou-se a luta, iniciada por violentíssimo canhoneio.

O 6.º B. C. R., depois dos 4 cunhetes referidos, não recebeu mais munição. É verdade que comando tentou remuniçá-lo durante o combate, mas não o conseguiu.

No louvável e penoso intento de conduzir munição aos que combatiam, tombaram duas vidas moças e preciosas: o sargento Vilhena e o enfermeiro Escobar. Este farmacêutico, foi incorporado ao S. S. do Batalhão. O S. S. da vanguarda estava localizado num rancho de sapé distante cerca de 400 metros da linha de fogo. Até a esse rancho chegou um cunhete de munição. Ninguém se animava a conduzi-lo para diante porque as balas variam a região. Escobar tentou fazê-lo, mas não o conseguiu, tombando, em meio da jornada, mortalmente ferido.

O 6.º B. C. R., sacrificado neste dia 15 de Agosto, era comandado pelo Cap. Honorio de Castro, da policia catarinense. Tinha, a sua esquerda, uma companhia do "Borba Gato", comandada pelo Tte. Ernani e, a sua direita, o 1.º B. R. E., comandado pelo ousado Cap. Pinto.

Estava disposto em angulo obtuso, cujo vértice assentava num terreno pantanoso. A 2.ª Cia., comandada pelo Tte. Silva, ocupava o lado esquerdo e fazia ligação com o "Borba Gato". A 1.ª e a 3.ª Companhias e a seção de metralhadores leves ocupavam o lado direito e faziam ligação com o 1.º B. R. E.

se haviam lançado nesta meia jornada de combate, todos os recursos disponíveis. A pequena reserva do destacamento fora empregada desde o início; depois são trazidos elementos da ala direita, onde a pressão é menor, para auxiliar esse sacrificado 6.º B. C. R. E nesse recorrer às fracas disponibilidades da direita, vai o capitão Djalma ao extremo de lá deixar, apenas, alguns elementos que simulassem a ocupação das trincheiras existentes!... — Palmo a palmo pag. 74. Cap. Alves Bastos.

Para ligação entre a 2.^a Cia. e o restante do batalhão foi improvisada uma única passagem através do terreno pantanoso.

Em virtude dessa disposição era difícil, ao restante do batalhão, socorrer a 2.^a Cia. Esta só dispunha de duas armas automáticas, dois F. M. Desde 4 de Agosto havíamos ocupado essa posição. O inimigo a estudara, pois, havia 11 dias. Descobriu que o ponto vulnerável era esse ocupado pela 2.^a Cia. e, sobre esta, precipitou formidável ataque, depois de violentíssimo canhoneio iniciado às 6 1/2.

Os rapazes do 6.^o resistiram com denodo. Tivéssemos duas metralhadoras cruzando fogos, e não nos faltasse munição, ousamos assegurar que seria outro o resultado da jornada apesar da superioridade desproporcionada do inimigo, em número e em meios. Enquanto houver munição nossos soldados resistiram, tendo havido trincheiraras onde brigaram a baioneta.

Afinal, esgotados os recursos, os elementos que ainda podiam se retirar fizeram-no em de ordem, sob intensa fuzilaria inimiga, deixando mortos feridos e prisioneiros. Foi-nos cruel a jornada. Só do "Batalhão de Tietê", que tinha 56 soldados na 2.^a Cia, do 6.^o B. C. R., morreram, no campo da luta, Indalecio Costa e Enoch Barreiro de Macedo. Mortalmente ferido, veio a falecer, no hospital de Sorocaba, o soldado Luis Fernandes Diogo. Foram feridos, gravemente, o soldado José Teixeira Pinto e o cabo Salvador Evangelista, que, a mercê de Deus, se restabeleceram. O cabo Salvador, ferido, foi feito prisioneiro com mais sete companheiros.

Sofreram, pois, os tieteenses, doze baixas nesse dia.

A 2.^a Cia ficou anulada. A 1.^a, a 3.^a e a seção de metralhadoras, porém, sofreram muito menos e se retiraram, em relativa ordem, para a casa da turma, próxima da estação de Vitorino Camilo, de onde alguns elementos voltaram a ocupar umas posições na noite de 15 para 16. 6.^o B. C. R. foi duramente sacrificado nessa jornada, mas, ao inimigo, custou bem caro o nosso martírio, pois avultadas foram as suas baixas.

Atribuímos mesmo a esta circunstância o fato de não haver ele progredido, nem tampouco se conservado, durante a noite, nas posições abandonadas.

O 2.^o “9 de Julho” e o julgamento do E/M.

Esse combate, entre Vitorino Carmilo e Buri, foi, como é sabido, classificado, pelos correspondentes da imprensa junto ao E./M. Valdomiro de Lima e pela famosa P. R. A. X., como “a maior batalha da América do Sul”.

Compunham-se as nossas tropas:

— do 9.^o B. C. R., unidade recém-chegada ao Setor e que ainda não havia dado prova de suas possibilidades, comandado por um oficial da F. P. Matogrossense de conhecimentos e capacidade limitados, tinha o escasso

total de oito armas automáticas; instalada de um lado e outro da via férrea constituía essa unidade o pivot do nosso sistema defensivo;

— o 1.º B. R. E. e o 6.º B. C. R. constituíam a ala esquerda, cuja extremidade era coberta por uma companhia do batalhão de voluntários "Borba Gato";

— constituindo a ala direita, achavam-se apenas uma companhia do 7.º B. C. R. e um pelotão do esquadrão Jardim; e

— 2.º B. R. "9 de Julho".

E não tínhamos artilharia! (As duas peças do tenente Mascarenhas estavam, naquele dia, lá pelas bandas de Capão Bonito).

Capitão Alves Bastos, do E/M. Taborda, descreve, com minúcias, em "Palmo a Palmo", a nossa ação nessa áspera batalha :

Um novo batalhão, o "9 de Julho", sob o comando do Major Tenorio de Brito, chegara em reforço às tropas do Setor Sul. O Coronel Taborda colocou-o, imediatamente, às ordens do Coronel Klingelhofer, que com ele deveria restabelecer a situação.

Havia esse batalhão feito parte da infeliz retirada de Apiaí sobre Xiririca e vinha de ser reconstituído em São Paulo. Ansiava ele por enfrentar o inimigo para o qual circunstâncias desfavoráveis, já de outra vez, lhe haviam feito voltar as costas em jornadas desabonadoras... ⁽²⁴⁾

²⁴ Ficaram fielmente narradas, atrás a ação do 2.º B. R. "9 de Julho" e as causas da retirada de Apiaí. Atacados por Airton Plaisant (1.500 homens) às portas de Apiaí. e com a retaguarda cortada, em Banhado Grande (1 800 homens, sob o comando do Cel. Boanerges) sem munição, sem gasolina, sem viveres — se não nos retirássemos, teríamos que nos entregar covarde e vergonhosamente. Ou seríamos massacrados. A escolher..O ilustre e bravo Cel. Brasilio Taborda não concorda com o Cap. Alves Bastos, pois, a 6 de Agosto, enviou a Tenorio de Brito, para Xiririca, o seguinte e expressivo telegrama: "Itapetininga, 6. Tenho viva satisfação feliz resultado vosso movimento. Peço indicar necessidades vossas heróicas tropas, afim voltar ao campo da luta. Saudações. (a.) Cel. Taborda" É de estranhar-se que Taborda, prefaciando " Palmo a Palmo", não tivesse visto a expressão injusta e infeliz do seu antigo auxiliar de E/M., o que nos leva a crer que o brilhante oficial não teve tempo de ler todo o livro... Tanto a opinião do comandante do Setor Sul era favorável ao "9 de Julho" que desejando nossa volta a Itapetininga, chegou providenciar, segundo me relatou o Dr. Bernardes Junior, que com ele trabalhou dedicada mente, os reparos de um caminho entre Sete Barras e São Miguel Arcanjo, para que nos transportássemos àquela cidade. Pena é que o cap. Bastos não diga o que faria no nosso caso... Bem claras e expressivas as palavras do cel. Taborda, que se declarou satisfeito com o " feliz resultado" da jornada, que, nesse caso, não é desabonadora — jornada levada a efeito por "heroicas tropas". A tropa sob meu comando deverá permanecer alguns dias na Capital, para, de novo, retornar ao campo da luta. Se já fizemos alguma coisa, muito mais é mister realizar em favor da causa que nos levou as trincheiras. Retirando-nos de Apiaí porque nos repugnou uma capitulação incondicional, precisamos, sem demora, mostrar, aos paulistas, que não fugimos ao nosso dever. Reorganizar o 2.º B. R. "9 de Julho" e desmintamos os que, malevolamente, nos supõem fugitivos, quando a verdade é que o calor dos combates não nos intimidou, nem arrefeceu o ânimo e a confiança na vitória." Tenorio de Brito. Boletim n.º 5, de 11, agosto, 1932. (Registro). Sem informações detalhadas de como e porque fora feita a retirada, e

A situação correspondia, maravilhosamente, a tais desejos...

Pela madrugada, ele é colocado em linha, restabelecendo a continuidade da frente, contra a qual redundaram assim inúteis os esforços inimigos da véspera.

Mas, por sua vez, havia este reconstituído seu dispositivo de ataque e, desde o início da jornada, são os fogos de artilharia, agora ajustados, e uma vigorosa progressão da infantaria que comprometem, novamente, a situação.

Recomeçam, desde cedo, as dificuldades que Capitão Djalma e o Tenente Pova, infatigáveis, lutam por dominar.

Conseguem-no até às quatorze horas, quando uma companhia do próprio "9 de Julho", desarticulada e desanimada, ante a violência do ataque, abandona as trincheiras que ocupava ⁽²⁵⁾

Temos, novamente, desde esse momento, a linha fragmentada e o inimigo vê pela frente o seu caminho aberto.

Dessa vez, falta-nos o manto protetor da noite e falta-nos um Josué dinâmico que apresse o caminhar do sol...

No restante do dia pôde o adversário explorar o êxito obtido ali; progride pela brecha e força, com essa progressão, o retraimento de todo o dispositivo.

Soa a ordem sombria da retirada e, na confusão do momento, esta, que se deveria fazer para Aracassú, leva as nossas tropas extenuadas para as barrancas acolhedoras do Paranapanema, na região de Ligiana... ⁽²⁶⁾

Na extrema esquerda, sobre o eixo da estrada de Capão Bonito, algumas unidades ficaram sem ligação com o comando do destacamento e impossibilitadas, portanto, de receber ordens.

deixando-se sugestionar pelas tendenciosas notícias irradiadas pela P. R. A. X., houve quem, aqui, em S. Paulo, no alto comando, rotulasse o movimento como fuga. Daí a expressão de Tenorio no seu último boletim, a partir de regresso à metrópole. Explicável, no meio da natural confusão do momento, um juízo apressado de pessoas alheias às operações do setor sul, o que, entretanto não se justifica, de modo nenhum, em se tratando de um oficial do E/M. de Itapetininga, que estava ao par de tudo que se passava e que não poderia ignorar a nossa situação no plano de ataque a Ribeirão Branco, modificado, logo depois, quando a ordem já estava sendo executada. E mais: o batalhão não teve tempo de ser reconstituído, pois, chegando a S. Paulo, vinte e quatro horas depois, regressava ao sul, embarcando na alameda Eduardo Prado e descendo no campo da luta, sob arrasador canhoieio ditatorial, dando provas, no campo de combate, de que não éramos uma tropa de fugitivos...

²⁵ Não tínhamos munição: cada soldado recebera, pela manhã, apenas 40 tiros! Antes das 11 horas estava esgotada a munição, ou, melhor, a amostra de munição. Daí a retirada do tenente Iolando Basoni, cuja única falta consistiu em não fazer após o movimento, ligação com o comandante de seu batalhão.

²⁶ Não é verdade. O cel. Klingelhofer deu ordem de retirada para Ligiana, sendo que a tropa viajou de Aracassú às margens do Paranapanema de trem! De madrugada é que o cel. Taborda mandou contraordem de Itapetininga, para que não abandoassem Aracassú, que, pela manhã, foi ocupado pelo 2.º B. "9 de Julho".

Nesse fim de jornada de 16 de agosto, terminava assim o importante combate de Vitorino Carmilo, em que a desproporção dos meios nos infligir um revês. A firmeza do coronel Klingelhoefler, a bravura, tenaz e irredutível, do capitão Djalma e do tenente Povoá retardaram, tanto quanto possível, o advento da derrota e limitaram, ao mínimo, as suas consequências.

A coesão da tropa; sua incrível resistência às fadigas e à depressão naturalmente causadas pelo ruidoso bombardeio; a impávida obstinação com que se conservava nas trincheiras, mesmo quando abordadas pelas vagas assaltantes, foram elementos que, certo, terão surpreendido o adversário. Ao E/M. do setor, os pungentes acontecimentos dessas duas difíceis jornadas, vividas por tropas improvisadas e que em tão pequeno número enfrentavam as numerosas unidades atacantes, trouxeram nova fé nas operações futuras e mais sólida confiança no término feliz da campanha no setor sul.

Honra aos sofredores "poilus" de Vitorino Carmilo, paulistas tombados nessas luminosas jornadas de 15 e 16 de agosto!

Honra a esses heroicos batalhões de voluntários 6.º, 7.º e 9.º B. C. R.; 2.º B. "9 de Julho", Batalhão Arlindo, 1.º B. R. E. e batalhão "Borba Gato", que, assassinados a distancia pela artilharia adversaria, mantinham suas posições, como se o sentimento do dever os houvesse fixado ao solo por meio de profundas raízes crescidas no momento!

Honra a todas essas laboriosas formigas humanas que, vindas de longe, de todos os rincões paulistas, traziam o cimento de seu esforço para a construção da muralha ciclópica, onde iria quebrar o arremesso insolente dos invasores deste S. Paulo meridional! ⁽²⁷⁾

O tenente Adáto... um mau general

Insustentáveis nossas posições em Vitorino Carmilo, retraiu-se o grosso do Destacamento Klingelhoefler para as margens do Paranapanema, sendo cometida no nosso batalhão, a 17 de agosto, pela manhã, a missão de

²⁷ O parecer de Taborda ficou expresso neste tópico de seu Boletim n.º 23:

"As Forças Constitucionalistas do Setor Sul lavraram, nos dias 15 e 16 de agosto, uma página de bravura e de civismo. A maneira brilhante como se portar diante da artilharia inimiga, que atirou das 6 até às 16 e 15 horas; o denodo com que se mantiveram nas trincheiras para deter a vagas sucessivas de assalto, que eram precedidas de poderoso fogo de acampamento, dizem, bem alto, do valor do soldado paulista e da justiça da causa pela qual se bate. Em consequência, cabe-me elogiar, no 2.º BATALHÃO "NOVE DE JULHO": o tenente-coronel Luís Tenorio de Brito, que bravamente defendeu seu setor e foi encarregado de proteger a retirada de Vitorino Carmilo; 1.º sargento Afonso Meier, que bravamente se conduziu no dia 16; cabos Airton Gurgel e Alberto Fraga, que também se conduziram de forma admirável e os ditos Vicente F. de Almeida Prado Neto, Osvaldo de Melo Sylos e Vitor Antonio Antolim, pela bravura inexcelsável. (a.) Cel. Brasílio Taborda, comandante do Setor Sul".

fazer a vanguarda em Aracassú, pois o E/M. de Itapetininga deseja fosse mantida essa localidade

Aracassú. Uma estação. Uma igreja. Meia dúzia de casas. Um casal de alemães (D. Luiza e Fritz Riedel) de coração enorme e uma coragem sem par. A casa desses fazendeiros germânicos é doada, de alma aberta, aos soldados paulistas.

Malgrado um dia inteiro de combate, uma luta tremenda, sob o fogo da poderosa artilharia inimiga, o 2.º B. R. "9 de Julho", dando de si a melhor prova de resistência e de valentia, vai, após uma noite mal dormida, com alimentação deficiente,²⁸ ocupar novas posições e enfrentar o inimigo.

Ficamos com a vanguarda além de Aracassú, no km 276. Terreno acidentado. Tomamos a direita e a esquerda da linha férrea. Posições quase inexpugnáveis. (Entregamos a posição da esquerda, dois dias depois, ao 9.º B.C. R.)

Durante três dias permanecemos ali, sem notícia dos ditatoriais, que se refaziam, de certo, da dura refrega. A 20, surgem, ao longe, as primeiras patrulhas de cavalaria. E com essas patrulhas, chega-nos, também, uma ótima novidade, que a todos encheu de entusiasmo: aportaria, naquela tarde, a Ligiana, a coluna Adáto de Mélo, com 800 homens, esplendidamente aparelhados.

Pisa esse batalhão as ruas de Itapetininga, de onde haviam ido já os derradeiros elementos disponíveis, como chegara, outrora, às cidades de Monte Santo, no sertão baiano, o batalhão Moreira Cesar! — Ia liquidar Canudos, diante de cujos muros parece que se batiam, há tempos, milhares de covardes incapazes! Não tinha, aqui, o 10.º B. C. R. essa insolência do 4.º B. daqueles tempos, mas pairava, no espírito de todos, a crença de que aquela gente bem armada, maravilhosamente equipada e convenientemente comandada, realizaria, no campo de batalha, alguma coisa que surpreenderia o próprio adversário. ("Palmo a Palmo", pag. 81)

Está comandando a vanguarda o ilustre cel. Milton de Freitas, militar completo.

O Cel. Klingelhofer,⁽²⁹⁾ que, desde os primeiros dias da revolução, vinha trabalhando intensamente, passou a comandar as forças de Ligiana.

Todos os serviços ficaram excelentemente organizados, revelando a admirável capacidade do novo chefe.

E a famosa coluna desce, no dia seguinte, em Aracassú.

²⁸ Almoçamos, em S. Paulo, no quartel da Alameda Eduardo Prado, no dia 15, às 11 horas. Merenda, em Sorocaba, às 18 horas. Dia 16, ração de bolacha. (o almoço não pôde se servido, porque o inimigo não o permitiu). Dia 17, café, às 6 horas.

²⁹ O cel. Klingelhofer bateu-se abnegadamente. Artilharia reduzida. Munição escassa. Tropas irregulares. No seu E/M, a não ser o capitão Djalma, que o auxiliou uns dias, todos os oficiais eram comissionados! (capitão Adolfo Klingelhofer, o tenente Conceição, o tenente Luís Fonseca Filho, o capitão Perroni).

Dizia-se (e era verdade) que a força organizada e comandada pelo tenente que foi deportado, pelo Sr. Leite de Castro, para Mato Grosso, por ser constitucionalista, era a mais completa que deixou S. Paulo, ⁽³⁰⁾ rumo das trincheiras: traziam M. P. e F. (15 armas automáticas). 20 caminhões, cia. de Bombardas, outra de lança-chamas e até... uma cia. de fotógrafos...

Foi uma alegria.

O Sr. Adáto, ao descer em Ligiana, parodiando Guilherme II, declara, solenemente, que jantaria, no dia imediato, em Buri, e almoçaria, logo depois, em Itapeva...

O nosso batalhão ficou tomando conta da ala direita da ferrovia. À esquerda, estava o 9.º B.C. R. A coluna Adáto, apoiada nessas duas forças, fazia o avanço, em direção de Buri.

A marcha inicial da tropa por aquelas montanhas e campinas fora verdadeiramente magistral. Não era uma coluna de noviços em arte militar que marchava com aquela destreza e garbo marcial. Mas, tudo em pura perda. O tenente Adáto, que efetivamente trabalhou na organização de batalhões em Quitaúna, (de onde não deveria ter saído) falhou, por completo, como general no campo de batalha: ao invés de ocupar as alturas, dominando uma crista, de onde se avistava, a pequena distancia, Vitorino Carmilo, não: avançou pelo vale afora, jogando sua valente e esplendida tropa na linha férrea, onde ela foi impiedosamente atacada pelo inimigo, que se localizou lá no alto! Tão insustentáveis se tornaram as posições da coluna, que os soldados não podiam mexer-se nas trincheiras e os feridos só logravam ser socorridos à noite!

Todo o aparato bélico, tudo sacrificado pela inépcia de um comandante.

O major Tenorio, encarregado de garantir a retaguarda da coluna no seu avanço, recebia, de meia em meia hora, em uma noite escolhida para a operação, a visita do tenente Adáto:

— Major, conto com o Sr. O Sr. garantirá a retaguarda em caso de fracasso.

Não demora, ele estava de volta:

— Major, seu pessoal está a postos? Conto com o Sr.!

O major Tenorio tinha o seu P/C. a cem metros das trincheiras, dormindo em chão duro e comendo no rancho, como qualquer soldado, nunca se apartando de seu batalhão. Não corria de aeroplano. Pelo contrário. Na hora do bombardeio aéreo, de pé, animava seus soldados.

Sempre ao lado da tropa, e, nos momentos ásperos do combate, à frente dela e não nas barracas de luxo, com poltronas de vime, leitoa assada e telefone.

³⁰ "Os acontecimentos, porém, se encarregaram de filtrar, convenientemente, toda essa massa humana e de pôr em evidencia as deficiências de uma organização adotada sob moldes demasiadamente abstratos — "Palmo a Palmo" — Cap. Alves Bastos — pag. 81.

O Sr. Adáto chegou ao ponto de, na sua importância de comandante (ele se considerava coronel) e amigo íntimo do general Klinger, chamar a sua presença oficiais de maior patente que a sua, como o major Tenorio (substituto de Klingelhofer) comissionado já no posto de tenente-coronel pelos seus inestimáveis serviços de guerra. (31³¹)

A preocupação do tenente era a de que os trens estivessem sempre prontos para o seu transporte para a retaguarda e que não falhasse a ação do comandante do "9 de Julho"...

Vários foram os apelidos que lhe deram: "Cipião", "Cartaginês", etc.

*Qual Cesar Cartaginês,
quis vir, ver e vencer;
o caricato, no entanto,
Só o que tem feito é correr...*

Como essa, surgiram outras quadras com que os soldados riam do tenente nada sedutor, arrogante e pretensioso...

Que mágica besta...

Itararé caiu num "passe de magia", deixando o adversário atordoado diante o triunfo mais fácil do mundo.

S. Paulo, acreditando, na sua grande boa fé, na palavra do sr. Flores da Cunha, não cuidou da frente do Sul.

Itararé abriria suas portas ao exército gaúcho, que se incorporaria às tropas constitucionistas. Mas o exército que se aproximou das nossas fronteiras não trazia armas em bandoleira, nem flores na mochila.

Itararé foi entregue ao adversário na menor e mais amena das batalhas da América do Sul...

Abriu as portas de Itararé a traição covarde, que permitiu à força do general Valdomiro fizesse, até Itapeva, um simples agradável passeio de trem! Em meio da confusão, nem um metro de trilho foi arrancado... Palmos a palmo, eles conquistaram, apenas, o terreno, entre Buri e as barrancas do Paranapanema, onde os paulistas concentraram sua formidável resistência, parecendo ter sido gravada, nos corações dos soldados improvisados, a legenda sagrada do *on ne passe pas*.

³¹ Em 24 de setembro, o cel. Taborda pedia ao Comandante da Força Pública a efetivação de Tenorio no posto em que estava comissionado, o que comunicou, pelo seletivo da Sorocabana, ao Cel. Klingelhofer. O comandante do 2.º B. R. "9 de Julho" agradeceu, merecendo o seguinte despacho de Taborda. "Itapetininga, 27. Recebi telegrama meu caro e valoroso camarada. Só deve agradecer grande conceito em que o tenho, ao seu mérito e a sua inquebrantável lealdade, bravura admirável e fé nossa vitória. Um grande e cordial abraço. (a.) Cel. Taborda".

No dia 28 de agosto, informava, aos seus leitores, o "Minas Gerais", órgão oficial do governo do Sr. Olegario Maciel:

“No desenvolvimento das suas operações, no sul de S. Paulo, o exército comandado pelo general Valdomiro tem quebrado, dia a dia, a tenaz resistência dos insurretos, que concentram, naquela região, numerosas forças, aparelhados de artilharia e aviação, afim de dificultar a marcha das tropas legais na direção de Itapetininga, base ferroviária, que abre as comunicações com a capital do Estado.

O destacamento sob o comando direto do general Valdomiro avançou pelo centro, sobre a linha da S. Paulo-Rio Grande, atravessando Itararé. À esquerda, sobre Jacarezinho e na direção de Ourinhos, segue a coluna João Francisco; à direita, transpondo Capela da Ribeira, a coluna Plaisant, cuja conjunção com o destacamento do centro se verifica em frente a Capão Bonito.

Nossas forças não eram "numerosas", nem estávamos aparelhados de artilharia (2 peças do tenente Mascarenhas!) e os nossos aviões eram... de empréstimo! Empréstimo semanal...”

A 26 de julho, os ditatoriais tomaram Buri, só conseguindo ocupar a estação seguinte — Vitorino Carmilo — 20 dias depois, e só logrando alcançar o Paranapanema, *que dista de Buri menos de uma vintena de quilômetros*, a 7 de setembro, um mês e meio quase, após!

Para as margens do Paranapanema...

3 de Setembro de 1932

Devido à situação da ala esquerda do setor, toda a linha é obrigada a retrair-se para as margens do Paranapanema e Rio das Almas. Temos que abandonar nossas esplendidas posições de Aracassú.

Vamos para Ligiana.

O destacamento Klingelhoefler, tendo a seu cargo a defesa da região de Tapéira, Ribeirão da Pescaria, Ligiana, até Aterrado, compreendia seis batalhões: 6.º, 7.º, 9.º e 10.º B. C. R., 2.º B.R. "9 de Julho" e 1.º B. R. E.; 1 esquadrão de cavalaria, uma seção de artilharia, a peça 150 e o trem blindado. (A não ser o 10.º que contava com o efetivo de 800 homens, os demais tinham, em média, 250 combatentes).

6.º B. C. R. passa para o comando, também, de Tenorio de Brito, de acordo com uma ordem do cel. Milton.

Os valentes jovens do 6.º, que escreveram, nos campos de Buri, em 15 e 16 de agosto, páginas de admirável heroísmo, vieram engrossar nossas fileiras, tendo a sua frente essa figura insinuante do tenente Plínio Rodrigues de Moraes, civil que se revelou, na frente de batalha, autêntico herói, sendo,

logo depois, e merecidamente, elevado a sub-comandante do Batalhão "Tenorio", formado pelo 2.º B. R. "9 de Julho", 6.º B. C. R. e 9.º B. C. R.

"Doublé" de intelectual brilhante e ativo homem de negócios, ele conseguiu desdobrar-se num condutor de tropas — enérgico paciente, arrojado, sereno, como se fora na arte militar um velho catedrático.

Batalhão "9 de Julho" foi o primeiro chegar a Ligiana.

Pessoalmente, o cel. Milton de Freitas, seguido de seu E/M., no qual se destaca o tenente Manoel Tamandaré Uchôa, localiza a força, parte na "cabeça de ponte" e parte às margens do Paranapanema, à esquerda da estação.

O blindado a postos.

Abrimos trincheiras e nos fortalecemos na montanha que domina, por completo, a região de Aracassú. A posição não era nossa: ela devia ser ocupada pela coluna Adáto que, no momento, descansava, luxu a que não estávamos acostumados... (A posição que nos foi reservada era a da margem do rio — da ponte ao Ribeirão da Pescaria).

A 5, Adáto vai para seu lugar.

6.º B. C. R., ao ser colocado à beira do Paranapanema, desde o Porto Serraria até a confluência do Veado Pardo, pela manhã, é apanhado surpresa, numa elevação, à hora em que o sol despontou. Felizmente, não tivemos a lamentar perdas, apesar do inopinado da agressão.

Contra-atacamos, sobressaindo-se os tenentes Almeida Prado Filho, Jonatas Pereira, Lourival Açucena e Saul.

O tenente Adáto, sem coragem para enfrentar a situação e sem capacidade militar para comandar a coluna, resolve abandonar a cabeça da ponte, embora, a 6 de Setembro, tivesse a cia. do valente tenente Maia alcançado uma vitória sobre o inimigo.

Ele pensou em deixar aquelas posições e não houve quem o convencesse do contrário. O Cel. Klingelhofer achava, e essa era a opinião de todos oficiais, inclusive do sub-comandante do 10.º, tenente Gloss, que toda resistência lançava alicerces na "cabeça de ponte". Do outro lado do rio, à direita da ponte metálica, as elevações dominam, completamente, as campinas e varjões do lado de cá. Entregar ao adversário aquelas posições era tornar quase insustentável a luta às margens do Paranapanema, naquele trecho.

O tenente Adáto fala, pelo seletivo da E. F. S., com o E/M. de Itapetininga, e este, contra a vontade de Klingelhofer, dá razão a Adáto, que se transpõe para a margem de cá, e, à primeira escaramuça (uns 200 homens nos atacavam) faz voar a bela e solidíssima ponte da Sorocabana (!?!) — derradeira providência a ser tomada, no caso extremo de uma retirada da margem do rio.

O cap. Alves Bastos, no seu interessante livro "Palmo a Palmo", descreve esse episódio, fugindo um pouco à realidade:

"A partir de 6, ordens eram dadas para que a nossa defensiva tivesse o caráter da mais pronunciada agressividade.

No momento foi impossível de realiza-lo na parte norte do setor, onde o inimigo apossava fortemente o nosso 10.º B. C. R., que fora a unidade deixada em cabeça de ponte, a oeste da grande ponte da estrada de ferro, face à estação de Ligiana. Combate-se, energicamente, nos dias 6 e 7 de setembro, sendo que nessa data histórica, constrangido o nosso batalhão a abandonar a margem esquerda do Paranapanema, impõe as conveniências militares que se comemorasse, melancolicamente, a data cara ao coração brasileiro por meio da destruição daquela grande ponte...

O E/M., antes de dar razão a Adáto de Mélo, deveria, no caso em controvérsia, mandar um oficial de sua confiança a Ligiana, resolver questão de tal monta. Uma coisa é um plano traçado em confortável gabinete. Outra, muito diferente, no campo de luta... À frente de Adáto estavam capitães, majores, tenentes-coroneis e até um coronel, que pela "sua bravura pessoal, seu estoicismo na desfortuna momentânea, fizeram-no credor do respeito geral e o impuseram como um dos elementos a utilizar na organização definitiva do setor Sul".

A ponte só deveria voar pelos ares na hora em que se verificasse a impossibilidade de nossa permanência nas margens do Paranapanema. Com esse desastre, o trem blindado ficou sem utilidade!

O que aconteceu era fácil de prever-se: os ditatoriais foram para as posições que o Sr. Adáto abandonou, ocupando, sem demora, o famoso morro Mandasaia, que dominava, inteiramente, a localidade de Campininha do Monte Alegre, que foi rudemente bombardeada pela artilharia, obrigando a fuga de todos seus habitantes (exceção de um vendeiro alemão, que teimou em ficar ali, indiferente a todos os perigos).

Sofremos rudemente as consequências do tremendo erro.

De tal sorte eram más nossas posições que lugares havia em que recebiam nossos soldados tiros até pela retaguarda, sendo que os serviços de reabastecimento de material bélico e de boca só podiam ser executados alta madrugada! Só meia dúzia de soldados quase loucos é que deixa, de dia, as trincheiras para ir buscar comida paraos companheiros. (Clovis do Amaral Carvalho, Willy Meyer, Julio de Carvalho...)

E o tenente Adáto, dominado pela fobia aviatória, manda instalar o seu P/C., na fazenda "Retiro", do cel. Toniquinho, abrigo das bombas, num subterraneo adrede preparado...

No dia 14, o Cel. Klingelhoefler transmite ao comando do batalhão "Tenorio" esta ordem:

O Destacamento Milton ataca, amanhã, 15, a 6 kms. em direção de Capão Bonito. O sub-setor centro, comandado pelo tenente-coronel Castro e Silva, pronunciará um ataque de modo a fazer crer ao inimigo tratar-se de

uma ofensiva geral. Como complemento da ordem de batalha, o coronel Taborda ordena um movimento, de nossa parte, para a conquista do espigão do Mandasaia.

Em consequência:

O major Acioly tem ordem de procurar, por todos os meios, passar o rio Paranapanema e se apossar das posições inimigas, sendo o objetivo a posse do Mandasaia.

A tropa que se acha à esquerda da ponte, elementos de infantaria e bateria de bombardas, passa sob o vosso comando — e vossa missão será a de auxiliar, de modo o mais eficaz, a ação do comandante Acioly.

A nossa artilharia auxiliará a infantaria, contrabatendo a artilharia inimiga — e batendo as posições inimigas.

Hora de execução — 7.

(a) coronel KLINGELHOEFER.

A nossa tropa não era, evidentemente, tropa de choque, para ofensivas violentas. Em número muito menor que o adversário, quase sem artilharia, com munição contada a dedo — nós, soldados bisonhos, cujas falhas de técnica só o heroísmo supria — não poderíamos, com êxito, realizar a proeza.

O Destacamento Tenorio, ocupando a ponte sobre o Paranapanema, em Campininha do Monte Alegre, fica a postos, para garantir a sortida da gente de Acioly, que, pela madrugada, atravessaria o rio. Logo cedo, a um sinal, entrariam em ação as bombardas e a nossa infantaria.

A força de Acioly, (80 homens) comandada pelo capitão Miranda, transpõe o rio e entra no terreno inimigo de armas em bandoleira, entregando-se, dois ou três quilômetros adiante, a uma patrulha pernambucana! ⁽³²⁾

No dia 15, recebe o major Tenorio este *memorandum*:

Em vista do fracasso da 2.^a Cia. do 9.^o B. C. R., acha-se desguarnecida a posição entre Salto-Tapiá e a ponte; deveis empregar os vossos elementos disponíveis afim de tapara brecha

(a) coronel KLINGELHOEFER.

(b)

E a brecha foi imediatamente tapada.

No dia 16, o major Accioly era destituído do comando do 9.^o B. C. R. e este incorporado ao Batalhão "Tenorio". (Demorasse a revolução mais um

³² Uma temeridade confiar a 80 homens exaustos missão de tal ordem. Eles se entregaram por traição ou covardia do comandante. Se tal não acontecesse seriam batidos logo adiante. Estava, ali, do outro lado do rio, a Brigada de Pernambuco, do comando do cel. Jurandir Mamede, com cerca de 1.600 homens...

pouco, e o ex-ajudante de ordens do Sr. Washington Luis passaria a comandar o setor inteiro...)

O major Tenorio, comandando três batalhões, passa a ter a seu cargo um subsetor, à direita de Ligiana, estendendo-se da rodovia de Campininha de Monte Alegre até Tapiá e Salto, dando um destacamento para Aterrado.

Dia 16 — Morre, na frente de Ligiana, bravo João Alves Pimenta, voluntario do 6.º B. C. R.

30 de Setembro de 1932...

O inimigo fez, à tarde, um desembarque de forças — cerca de 100 homens — no local denominado "PERIGO", no Paranapanema, no subsetor Feijó. Uma patrulha de cavalaria é atacada, inopinadamente, pelos ditatoriais, ficando alguns soldados presos e extraviando-se outros. O fato é comunicado ao comando do Batalhão, cerca das 20 horas, solicitando o Capitão Feijó socorro, para oferecer combate ao invasor. Imediatamente, foi organizada a expedição, composta de 70 homens da 1.ª Companhia C. (antigo 9.º B. C. R.) sob o comando do 2.º Tenente Franciscato. Deu-se a partida, em caminhões, às 23 horas e meia. Essa força fez a primeira parada no Bairro da Igreja Velha, seguindo, a pé, por uma picada, até o sítio ocupado pelo inimigo, aí se ferindo combate, às primeiras horas da manhã. Pouco depois da partida do Tenente Franciscato, seguiu, para a estrada de Aterrado, para guarnecer a encruzilhada da Igreja Velha, protegendo a nossa retaguarda, o Tenente Miguel Forastiéri com um grupo de combate.

E, no entanto, de véspera, o PC. Klingelhofer nos transmite nesta ordem:

Tenente-Coronel Tenorio P/C. Eng. Hermilo, 29 de setembro, 1932.

De ordem do Estado Maior do Exército, ordem, transmitida pelo Q/G. do Setor Sul, toda manifestação ofensiva deve ser suspensa imediatamente: as tropas devem se limitar à defesa e vigilância do setor.

Saudações.

(a) coronel KLINGELHOEFER.

O cel. Taborda, já sabíamos, seguira para São Paulo, onde deveria substituir o dr. Tirso Martins. E o E. M. do Exército é que mandava suspender a ofensiva.

Não havia dúvida. Estava terminada a revolução. Por um acordo? Capitulação? Não se sabia ao certo — mas os nossos corações nos diziam que bem não havia de ser. ⁽³³⁾

³³ No carro do comando, cel. Klingelhofer é chamado, (dia 29) pelo seletivo da E. de F. Sorocabana, por pessoa de sua família. Vem, depois, do aparelho, a sra. do coronel, estranhando que ele ainda estivesse na linha de frente, porque o velho ia deixar o

E todas as cabeças se abaixaram...

A jornada de 1.º de Outubro de 1932

A noite decorrera sob apreensões.

Vagava, no espaço, um torvo pressentimento.

Às 8:40, as nossas posições de Salto foram escolhidas para formidável ataque dos adversários. Cessar ofensiva era só para nós... O sinal de hostilidades foi dado pela artilharia (duas ou quatro peças) que, em menos de meia hora, deu 70 tiros, visando nossas trincheiras.

A manhã esfumada e com pouca visibilidade favoreceu a ação do inimigo. Desgraçadamente, uma das granadas (terceiro tiro) alcançou, em cheio, trincheira da nossa metralhadora pesada perecendo, no seu posto de honra, o bravo tenente Odilon de Oliveira, comandante da peça. ⁽³⁴⁾ Tombam ao seu lado gravemente feridos, o Sargento Rosalino Silva ⁽³⁵⁾ e o Cabo Paulo Meyer.

Os ditatoriais aproveitam aquele instante de dor e confusão: atravessam o Paranapanema A nossa metralhadora pesada calou com a morte trágica do seu comandante...

A força do Tenente Açucena, atacada de flanco, é obrigada a deixar suas posições, ficando alguns homens presos.

O inimigo ocupa diversas de nossas trincheiras, aos gritos de rumo ao P/C. Sem perda de tempo, organiza-se o contra-ataque, sendo escolhido para comanda-lo o destemido Tenente Alfredo Silva.

Ainda troavam os canhões da ditadura e o comando já tinha perfeita compreensão da gravidade do momento. Reunido o elemento de reserva, com uma metralhadora leve chegam os primeiros homens que do Salto Trouxeram os pormenores do ataque.

Marcha, sem demora, Tenente Silva. Logo depois, é enviado um reforço, sendo retirada das trincheiras do Tenente Eleuterio a M. P. do comando do Sargento Bruno Sauerbaum. Marcha com sua peça o ousado tenente Iolando Basiloni. A metralhadora leve, entrando em ação, conteve o ímpeto do inimigo. Depois, chegada a metralhadora pesada, ela oferece uma

governo. Que "velho"? O cel. Klingelhoefler indaga, insistentemente, em português, francês e alemão. Mas o telefone não funcionava bem, falasse o coronel o idioma que quisesse... O "velho"?... E ficou a dúvida. O dr. Pedro de Toledo? O general Isidoro? Mas Isidoro não estava no governo... Alguém se lembrou de que talvez se tratasse do sr. Olegario Maciel, deposto pelos amigos do sr. Artur Bernardes....

³⁴ O corpo do tenente Odilon foi dado à sepultura, depois de terminada a revolução, na necrópole de Angatuba.

³⁵ O sargento Rosalino Silva, ao que sabemos, faleceu mais tarde, no acampamento inimigo para onde havia sido transportado.

barreira intransponível a passagem dos soldados ditatoriais, embargando seus passos e infligir-lhes grandes perdas.

Cerca das 12 horas, chega ao acampamento, em companhia do Tenente Tarrasco, o Capitão Perroni, do Estado Maior do Coronel Cristiano Klingelhofer, levando-nos uma F. M. e munição. Toma conta dessa peça, indo substituir a M. P. do Sargento Bruno, o brigada Alvaro de Vasconcelos, que, chamado, vai com presteza e ânimo forte, ocupar um lugar na linha de frente. O Sargento Afonso Meyer sai comandando um pelotão para atacar, de flanco, as forças inimigas, protegendo, de outra parte, o P.C. da unidade. O Tenente José Vicente de Carvalho comanda uma patrulha para proteger a rodovia que liga Salto a Aterradinho.

Seguem mais dois reforços para o Tenente Silva: um sob o comando do Tenente Carlos de Almeida; outro, do Tenente Vicente Tarrasco, portando-se, ambos, com eficiência. Às 13 horas, chega a Salto um pelotão da Companhia de bombardas, sob o comando do Tenente José Pavan, que, com seus homens, tem destacada ação no contra-ataque.

Pouco mais tarde, um pelotão da 1.^a Cia. A., sob o comando do Sargento Alipio Luís Dias Junior e de bombardas, (duas baterias) sob o comando do capitão Scarpa, aguardam ordem para entrar em ação.

Tenorio de Brito, eficientemente auxiliado pelo tenente Plinio Rodrigues de Moraes, não se esquece de nenhum detalhe. Revestindo-se da alma, que lhe é peculiar, tudo providencia, com admirável energia. Ninguém lhe discute as ordens. Manda. É obedecido.

Às 14:30 horas, mais ou menos, voltou a funcionar, novamente, a artilharia inimiga, notando-se que o seu objetivo era proteger suas forças, cuja tendência era de retirada, o que, de fato, se verificou.

Regressam os soldados de Jurandir Mamede a outra margem, desordenadamente, deixando cadáveres no campo da luta sangrenta.

Decorridos mais 15 minutos, quando tudo indicava a segurança da nossa situação, chega, em virtude do sucedido no setor à esquerda de Ligiana, (a ofensiva foi geral, em todo o Parananema) ordem de retirada, em direção de Angatuba, e que foi executada com êxito, deixando nossa tropa o contato com o inimigo sem que esse p percebesse, tendo, ainda, podido conduzir todo o material de guerra e intendência. Ao Tenente Silva coube o papel importantíssimo de proteção à retaguarda, ao qual deu brilhante e cabal desempenho. A retirada teve início às 15 horas meia. As 19:30 primeiros elementos chegam à cidade de Angatuba. Até a manhã de 2 de Outubro os ditatoriais, segundo fomos informados, ainda atiravam sobre o P/C. do comandante Tenorio e sobre nossas posições...

Nesta dura jornada, cujo desfecho acaba de ser descrito, ficou registrada a bravura e dedicação inexcedíveis com que se portou toda a tropa, resolvendo, entretanto, o comando salientar: a ação eficiente e coordenadora do subcomandante, 1.^o Tenente Plinio Rodrigues de Moraes; o destemor e a grande capacidade militar revelados, no momento mais grave

da luta, pelo 2.º Tenente Alfredo Silva, comandante do contra-ataque; 1.º Tenente José Pavan, comandante do pelotão de assalto da Companhia de Bombardas, pela sua boa disposição aplicada à ação de rechaçar o inimigo; o Tenente Carlos de Almeida e o 2.º Tenente Hintz Brandão, Sargento-Ajudante Alvaro de Vasconcellos, o 2.º Sargento Bruno Sauerbaum, 1.º Sargento Afonso Meyer, o 3.º dito Sebastião Francisco da Silva, o 2.º Sargento Maranhão Cia. de Bombardas), o 3.º Sargento José Antonio Fornes, os Cabos Moderno Corazza, Reinaldo Priel, soldados Julio de Carvalho, ⁽³⁶⁾ Ari Oliveira, Alfredo Paulino; 2.º Sargento Domingos Salum e 3.º dito José Caetano dos Santos, bem como o soldado Nelson Antunes (Cia. de Bombardas)

Depois... Angatuba, simpática e hospitaleira.

O Radio transmite a nova de que a revolução havia terminado.

O comboio especial. Imenso. Corações despedaçados.

Itapetininga —cheia de soldados e de tiros para o ar.

Depois, S. Roque.

— Vamos ser desarmados?

— Vamos.

— E quem é esse oficial que está tomando os fuzis?

— O Cel. Pedro Morais Pinto...

O julgamento do capitão Alves Bastos

Dei o meu depoimento, personagem que fui do nosso último ato, no drama sanguinolento da revolução de 9 de julho.

Agora, passo para aqui, com os reparos que merece, a opinião do cap. Alves Bastos, do Estado Maior Taborda:

"Simultaneamente, ao norte, para os lados da Campina de Monte Alegre e do famoso morro do Mandasaia, outra transposição do rio se fazia e, ao amanhecer, o Batalhão Tenorio, tomado de flanco, vacila e recua. ⁽³⁷⁾

³⁶ Julio de Carvalho, homem de seus 50 anos, abastado fazendeiro em Jaú, sempre dava mostras de grande coragem e verdadeiro sangue frio. Mas, nesse dia, ele excedeu a qualquer expectativa. Fez as mais arriscadas ligações, conseguindo salvar a força comandada por Forastiéri. Voltando ao P/C, horas depois da retirada para Angatuba, alheio ao movimento, conseguiu juntamente com o *chauffeur* da intendência — Reinaldo Priel, soldado valente, conduzir para aquela cidade materiais e mantimentos deixados, no Salto, na pressa da saída e também em virtude da deficiência de transporte. Julio de Carvalho foi, merecidamente, citado em ordem do dia. e promovido de soldado raso a 2.º sargento.

³⁷ Não vacilamos. Nem houve propriamente recuo. Os ditatoriais conseguiram atravessar o Paranapanema, sob o abrigo do fogo de artilharia, porque não tínhamos soldados para colocar em toda a extensão do rio, na parte compreendida pelo subsector: e, ali, no Salto,

Mas, esse batalhão, a que o destino impureza, no início das operações, essa maratona atribulada e comprometedora da retirada de Apiaí ⁽³⁸⁾ e a quem já fora dada a reabilitação honrosa daquela jornada de 16 de agosto, escreveria, no seu derradeiro dia de combate, uma página luminosa de bravura indomável.

Sob as ordens firmes de seu heroico e vistoso comandante, ele se detém no recuo e parte na reconquista das suas próprias posições, agora em mãos adversárias.

É uma arrancada empolgante em que toca ao adversário o momento da vacilação e da fuga.

Crepitam, pelas planuras pantanosas de Engenheiro Hermilo, para o norte, todas as armas desta unidade, num matraquear de desespero.

Pontilha-se o terreno de projéteis da artilharia adversária, que, na maior parte, deixam de explodir, mercê da natureza do terreno. ⁽³⁹⁾

O avanço do 2.º Batalhão "9 de Julho" se pronuncia com energia. Na premência do momento não podemos soldados inimigos procurar as pontes por onde haviam vindo e que haviam ficado muito abaixo. Premidos pela

inutilizada a nossa M. P., facilmente puderam passar para a margem de cá, pois havia um espaço, de cerca dois quilômetros, completamente desguarnecido.

³⁸ As causas da retirada de Apiaí, penso, ficaram atrás, clara suficientemente explicadas, e, mais, plenamente justificadas. (V. descrição do Correio da Manhã). Destacamento Tenorio de Brito retirou-se porque foi, como se viu, obrigado a essa dolorosa contingência. Se erro houve, e ninguém está livre de errar, foi da parte do E/M a que pertencia o ilustre A. de "Palmo a Palmo". Fomos atirados naquele *funil*, quando toda a direita (estrada de ferro) estava em poder do inimigo. Caindo Itararé, de nada valeria a posse de Capela da Ribeira, se não tínhamos elementos para cortar a retaguarda dos ditatoriais. O que deveríamos fazer, se pudéssemos, eles fizeram conosco, no Banhado Grande. Não é preciso ser militar para ver as coisas como elas são... (O próprio sr. Alves Bastos reconhece que "nosso dispositivo, ameaçando o flanco adversário, era de molde a infingir-lhe revés definitivo, *se houvesse meios apropriados a ofensiva*. Estes tardaram ou falharam". o/c., pag. 46) Está claro que impossível era manter as forças paralelas. Tanto isso é certo que só depois que o E/M organizou suas tropas numa linha só de combate — Capão Bonito/Aracassú — é que a resistência ao poderoso exército do general Valdomiro se fez com segurança e eficiência. O cel. Brasílio Taborda não pensa do mesmo modo que o capitão Alves Bastos, tanto assim que classificou a retirada de "*feliz movimento*", chamando nossas tropas de HEROICAS e pedindo ao comandante que indicasse suas necessidades, para voltar ao campo da luta. (Telegrama já citado). Chegando a S. Paulo, a 14 de agosto, no dia seguinte, cedo, o cel. Herculano comunicou a Tenorio de Brito que deveríamos seguir, à tarde, para o setor de Cunha. Mais tarde, cerca de 11 horas, o major Euclides Marques Machado, subchefe do E/M da F. P., avisava o nosso bravo e querido comandante que não mais iríamos para o erroneamente chamado Norte de S. Paulo: voltaríamos para Itapetininga, A PEDIDO DO CORONEL BRASILIO TABORDA, de quem Herculano acabava de receber um telegrama, nesse sentido. Ora, está visto que Taborda, militar de valor pouco comum, homem de ação e caráter reto, não havia de reclamar, para o seu setor, uma tropa que se "comprometera" em "maratona atribulada"...

³⁹ Não é bem verdade. Onde estávamos não havia pantanais e as granadas explodiam mesmo...

energia do contra-ataque tentam salvar-se, regressando, a nado, para a sua margem de origem. Na aplicação desse recurso muitos elementos passam e se salvam, mas muitos outros, vencidos pelas águas volumosas, ou colhidos pelos tiros, em plena travessia, são levados pela correnteza numa morte sem brilho, recebida no limiar dessa pacificação entabulada".

Heróis de verdade

O Exército que São Paulo mandou às trincheiras foi, ninguém o ignora, um exército consciente. 80% dos que marcharam eram a elite das classes dos estudantes, intelectuais, alto comércio e lavradores.

Médicos, engenheiros e advogados combateram como simples soldados. Muitos solteiros. Grande parte deles, casados. Um dos nossos médicos deixara o lar em plena lua de mel. O bravo sargento Inimá Pereira Barreto — cabeça toda branca — mandara todos os filhos para o "front" e, depois, ele próprio se alistava no mesmo grau aos seus cinquenta e tantos anos. E foi sempre um soldado modelo. Um entusiasta. Um animando. Um forte. Nos momentos de alegria, ou nos instantes em que nos colhia o revés, sempre o mesmo homem, dominando os seus e os alheios nervos — excelente professor de coragem.

Ninguém foi para a guerra pela constituição, pensando em separatismo, tanto assim que, estava prometido, vitoriosa a revolução, uma junta civil-nacional de cinco membros governaria o país. Ninguém marchou por causa de Klinger ou por causa de Isidoro — o primeiro comandante em chefe, o segundo, general displicente, em estação de águas, em Valinhos... Ninguém combateu porque achasse simpático e nobre o ilustre embaixador Pedro de Toledo, que merecia e merece a veneração de S. Paulo — ou bonito o Prof. Morato. Ninguém foi para o campo de batalha, empunhando fuzil, porque admirasse este ou aquele político, afirmação que seria absurda e atrevida, se não fosse imbecil.

Fomos, todos, pensando defender S. Paulo e, julgando, ao mesmo tempo, poder, com o Rio Grande, restituir o Brasil a si mesmo.

O pensamento das trincheiras pairava acima da rasteira política de campanário e acima dos homens que, acidentalmente, retinham, nas mãos, as rédeas do poder. ⁽⁴⁰⁾ Não combatemos por partidos.

⁴⁰ Menotti Del Picchia diz, no seu admirável livro "A Revolução Paulista", ter ouvido do Dr. Pedro de Toledo este pensamento: — "Nós que apenas rotulamos, com o nome, este movimento oceânico de um povo, temos a impressão íntima de que somos rolhas boiando em cima de uma corrente. Não conduzimos coisa alguma. Somos conduzidos por uma vontade mais forte e superior. Movimentos sociais desta amplitude têm, por certo, um sentido profundo e fatalístico, que escapa à nossa percepção, por mais aguda que ela seja".

O novo idealismo "capacete de aço" sonhava com uma nova pátria, conduzida pelos moços, sob um novo figurino e uma nova mentalidade. Ninguém se bateu pela constituição de 91, mas por uma constituição, moderna, vasada em moldes brasileiros, segundo a nossa realidade, sem pedir, como aconselha Pires do Rio, informações aos poetas...

E foi esse idealismo que criou, nas refregas, nos campos de Buri, no Tunel ou em Jaguary, heroísmo da mocidade paulista.

Uma cena que presenciei nas margens do Paranapanema, a 1.º de Outubro, quando São Paulo havia sido negociado, dá bem ideia desse heroísmo autêntico e não o platônico heroísmo das batalhas que não foram travadas...

Eram 9 horas.

Nossas trincheiras, no Salto, são barbaramente atacadas pela artilharia ditatorial. 70 tiros em 20 minutos. Um obus explode, por fatalidade, dentro da trincheira da M. P. Tomba morto o tenente Odilon de Oliveira, da F. P., comandante da peça. Estão gravemente feridos o sargento Rosalino Silva e o cabo Paulo Meyer. A uns 500 metros, estava o cabo Pedro lamada — conhecido como um dos mais destemidos dos nossos soldados (Pedro lamada, natural de Lins, havia prometido, aos seus conterrâneos, que voltaria como sargento, no mínimo...) lamada, que fora buscar água para os companheiros, abandona os cantis, e, sob o canhoneio formidável, rastejando pelo chão vai cumprir o seu dever, juntando-se aos seus camaradas, na hora do perigo. As granadas explodem, aqui e acolá. Depois de um grande esforço, suando, a roupa em pedaços, ele chega à trincheira, deparando ali com um quadro horrível, doloroso: o comandante com a cabeça espatifada, o sargento Rosalino em sangue, desfalecido, e o cabo Meyer estorcendo-se em dores...

Prossegue o bombardeio. Mas Pedro lamada não perde a calma. Era mister tratar dos vivos... Arranca Paulo Meyer da trincheira, coloca-o ao ombro, não sem grande dificuldade (Meyer é um homem de 1,80m, e lamada é baixote, de 1,50m, mais ou menos). E vai por ali afora, sempre sob o fogo inimigo, conduzindo companheiro ferido. Cai aqui, levanta mais adiante. Arrastam-se um pouco. E vão para afrente. lamada encontra, no caminho, um soldado do antigo 6.º B. C. R., Cesar Augusto Lorenzoni, que passa a ajuda-lo, para salvar a vida de Paulo Meyer. Estava ainda longe o P/S. Explodem obuses e matraqueiam as M. P. ditatoriais. Paulo Meyer, nobre e valoroso, compreende o sacrifício dos seus dois heroicos companheiros de luta. Quase sem forças, varado por três projéteis, ele, com voz sumida, apela para os dois soldados. Que o abandonassem. Estava ferido mesmo. Talvez eles estivessem fazendo falta nas trincheiras. Eram dois fuzis a menos. Ele não valia dois soldados de S. Paulo. Que o deixassem. E que fossem cumprir seu dever, combatendo pela nossa causa.

Pedro lamada e Lorenzoni não concordaram, salvando Paulo Meyer.

Depois de quase quatro horas de lenta e penosa caminhada atingiram casinha tosca e amável de um caboclo, de onde foram buscar socorro médico, para, então, sim, voltar à luta. O tenente Dr. Arioaldo de Carvalho, dedicado e intrépido, vai ao encontro do ferido, logrando estancar-lhe os sofrimentos, reanimando-o quando a vida quase lhe ia fugindo...

Quem mais admirar nesse comovente episódio?

Tréguas...

Nas margens do Paranapanema, deixaram-nos os ditatoriais, por muitos dias, em férias...

Um tirinho, lá de quando em quando, advertindo-nos de que não se haviam retirado.

À noite, os soldados da reserva faziam reuniões, sobre copadas bananeiras, junto ao P/C. Do major Tenorio, surgindo os tocadores e cantadores de modinha, confiando ao violão suas saudades. Airton Gurgel, Paulo Gomes dos Reis, Francisco Pio de Almeida Prado, o tenente Eleuterio, o sargento-ajudante Alvaro de Vasconcellos...

Repentistas da zona, vinham para junto das tropas, confraternizando-se com elas ao som das violas.

*As muié quando se ajunta,
pr'a falar da vida alheia,
começam na lua nova
e acabam na lua cheia...*

*Quem me dera ser tucano
— um tucano araçari,
pr'a eu entrar no teu peito
e pr'a nunca mais sair...*

*Aqui jaz minha mulher,
que pouco tempo viveu:
si mais tempo ela durasse
quem aqui estava era eu...*

*Já te dei meu coração
e sua chave de abrir;
não tenho mais que lhe dar,
nem você o que pedir.*

*Menina dos olhos grandes,
Dos olhos da cor do mar,*

*Não me olhe com esses olhos
Que não quero me afogar...*

Correndo, pelo acampamento, a notícia de que o comandante roncava demasiado, ele teve pressa em protestar:

*Acusado injustamente
de roncar, quando durmo,
apelo pr'a toda gente:
cada qual vale a seu turno,*

*sem restrição e sem manha,
diga, em verdade de lei,
se ao dormir, nesta campanha,
algum sono perturbei.*

*Mas, previno, neste instante,
com absoluta lealdade,
que, do batalhão comandante,
lembro a minha qualidade...*

As respostas não tardaram, o que aliás permitiam, amavelmente, os ditatoriais, não afugentando as musas...
O tenente Plínio Rodrigues depôs:

*Testemunha, há mais de mês,
do repouso do Tenorio,
afirmo nenhuma vez
perturbou o dormitório...*

Declarou o tenente Renato Costa:

*Dizem que o comandante ronca,
eu ainda não ouvi.
Juntos há quase dois meses,
Com ele nunca dormi...*

O dr. Miranda Junior, ilustre advogado em Jaú, com um filho no nosso batalhão, sargento J. C. Botelho de Miranda, estando, nesta tarde no nosso acampamento, onde pernitou, também foi convidado a depor:

*Dizem que o major Tenorio
ronca forte todo mês.
Eu nada sei, nada afirmo...*

Tenho medo do xadrez...

O comandante proibiu ter medo de avião.

O sargento Domingos Salum estava no número dos que não conseguiam policiar os nervos na hora trágica da visita dos aviões do general Valdomiro.

João Horta de Macedo, que também não era dos mais fortes, faz-lhe uma quadrinha que se popularizou:

É a hora das "varejeiras"?

Estala perto a "dum-dum"?

Pode ir vê nas capoeiras

que anda por lá o Salum...

Depois, com a proibição e o exemplo do comandante, Domingos Salum, escrivão da Coletoria de Potirendaba, curou-se, radicalmente, dando o troco ao vate perverso:

É a hora das "varejeiras"?

Ainda não estala a "dum-dum"?

Procurai nas capoeiras

pelos amigos do Salum...

Lição de mestre

Assistimos, na frente sul, a casos edificantes, dos quais um quero destacar, nesta página.

José Luis Serpa, rapaz de 17 anos, veio para S. Paulo com seus conterrâneos, conduzidos pelo Dr. Joaquim Otavio da Silva Leme, ⁽⁴¹⁾ alistando-se no 2.º B. "9 de Julho".

Esse menino, cheio de vivacidade e ardor, sabe empunhar um fuzil com admirável bravura. Faz a retirada de Apiaí e destaca-se na batalha dos campos de Buri, a 16 de agosto.

Em setembro, pai desse jovem, talvez arrependido de tê-lo deixado partir, foi a Itapetininga, virou e mexeu, requerente solicitou, e o rapaz foi excluído por ser menor de idade. O Q/G. comunicou o fato ao comandante do batalhão. Estávamos em Ligiana. José Luis Serpa é inteirado de sua exclusão.

Interrogado pelo major Tenorio se não estava satisfeito e se fora ele que pedira a providencia, o moço, com firmeza, diz que não. Estava contente e dali não desejava sair. Queria ir até ao fim com seus camaradas.

⁴¹ O dr. Silva Leme revelou-se, na guerra, um perfeito soldado. Moço de caráter sem jaça, honrando sua nobre ascendência bandeirante, chegou a oficial, comandando a 1.ª Cia. do Batalhão "Tenorio". Uma vez, escolhendo posições, na "cabeça de ponte", em Ligiana, o fez com tanta precisão, que um oficial do Exército o supôs seu colega pela Escola Militar!

Como era quase noite, major deixa para arrecadar a arma e munição do jovem excluído, no dia seguinte, antes da saída do trem para Itapetininga.

No dia seguinte, quando se procurou José Luis Serpa, ele já estava longe...

— Fugiu?

— Sim, fugiu... para a linha da frente!

Partira, pela madrugada, para um ponto avançado, a 1.^a cia. sob o comando do tenente Silva Leme

José Luis Serpa, para que não lhe fosse arrancando o fuzil, incorporou-se a essa força, "pirando" para longe do comandante...

O major Tenorio, mandando interroga-lo, fica sabendo que esse rapaz, entusiasta da causa paulista, pedia para continuar na trincheira. O comandante não podia prendê-lo por isso...

De Itapetininga vem um telegrama do Q/G., reclamando José Luis Serpa. Não demora, um telefonema do P/C. Klingelhofer.

Dois ou três dias após, surge, no acampamento, o progenitor desse bravo rapaz: pedia lhe fosse entregue o filho.

O comandante, dando parabéns ao Sr. Serpa, explica o caso. José Luis se recusou a deixar o batalhão.

— É, mas ele é menor, diz o pai. E mais, mudou o nome: José Luis Serpa é como se chamou o avô. Ele deve assinar José Gonçalo Serpa.

A que o major Tenorio replica, imediatamente:

— Naturalmente, ele foi procurar, no avô, as qualidades que faltam ao pai...

O Sr. Serpa pede para ver e falar ao filho. O comandante concorda. Mas, como era longe, ele prefere usar o telefone para comunicar-se com jovem soldado.

A resposta de José Luis Serpa, ao convite do progenitor, firme, inabalável, definitiva, foi esta:

— Meu pai: Só deixarei o meu batalhão, com uma condição — se você vier ocupar o meu lugar na trincheira!

O pai não aceitou a proposta e... deu às vila Diogo...

Homens & Episódios

O batalhão, 2.^o do regimento que Luis Americo de Freitas e o Cel. Quirino Ferreira imprimiriam tão perfeita organização, era composto de gente escolhida, moços paulistas da melhor estirpe, predominando elementos de Jaú (130 homens), Casa Branca (60), Lins (50) e Barra Bonita (40).

Tínhamos como comandante de Cia. um promotor público, o Dr. Joaquim Otavio da Silva Leme, de Lins, moço de coragem nada vulgar. Comandava, com destemor, uma secção de M. P., como sargento, o Dr. Moacir Troncoso Peres, advogado em Casa Branca. Entre os soldados rasos

estavam os bacharéis Alvaro Gomes dos Reis, Renato Maldonado Loureiro, Valdo e Alceu Costa, de Jaú; o Dr. José Mendes, de Lins. Médicos eram os Drs. Antonio de Sousa Pinheiro e Oscar Figueiredo, de Mocóca. Os professores Antonio de Castro Carvalho e Horta de Macedo, da Escola Normal de Casa Branca. Fernando Loureiro, prefeito de Barra Bonita.

Os escrivães Afonso Fraga, Otavio de Arruda Campos e Cicero Braga. Funcionários bancários, Julio Chagas Neto, Honorio de Mélo Sylos e Alvaro Vasconcelos. Fazendeiros como Fernando Neto, Mauro Junqueira Franco, Julio de Carvalho, Arnaldo e Adalberto Mélo de Oliveira, Alipio Luis Dias Junior, Oscar Palma, Mario Leal e outros. Domingos Salum, escrivão de coletoria estadual. Arthur Gomes Saavedra e Antonio Vaccari, do alto comércio desta praça. Airton Gurgel, Francisco Pio de Almeida Prado, Otavio Sant'Ana, Paulo Gomes dos Reis, Prof. Celso Toledo, Carlos Mascaro, Ranulfo Silva, José Teixeira Pinto, Vicente Ferrás de Almeida Prado Neto...

O comandante Tenorio costumava referir-se, com espirito, aos seus "soldados de qualidade".

Soldados-coronéis e soldados-doutores...

No nosso acampamento, fosse em Apiaí, em Aracassú ou nas margens do Paranapanema, não se distinguiam oficiais e praças. O rancho o mesmo para todos. O sargento, o cabo ou o soldado conversavam, na barraca do comandante, como o fazia qualquer graduado. Tenorio de Brito não tinha segredos, nem distinguia seus comandados pelas divisas que, eventualmente, carregassem. Todos iguais. Nas nossas marchas, ele ia, sempre, a pé, palestrando, com simplicidade de e bom humor, com os voluntários de seu batalhão. Recusava-se, terminantemente, a viajar de automóvel ou a cavalo, quando a tropa inteirinha não podia usufruir a mesma vantagem.

Um homem que nos assombrou, com sua prodigiosa atividade e extraordinário civismo, atraindo para seu nome, em todo o setor de Buri, admiração da tropa constitucionalista, foi o Coronel Antonio Vieira Sobrinho.

Dono de 20 mil alqueires de terras, senhor de grandes cabedais, Antonio Vieira Sobrinho desdobrou-se no empenho de tudo fazer pelos soldados de S. Paulo: ele mandava, diariamente, ao nosso exército, gêneros, carne, café, leite, frutas. Cedia-lhe cavalos. Franqueava-lhe suas casas. Arranjava-lhe guias. E ia de um lado para outro, parecendo viajar de aeroplano. Tanto estava em Ligiana, Aracassú, como em Angatuba ou Hermilo. Não conhecia o impossível. Investigava daqui dali. Organizava e comandava patrulhas. Andava pelas trincheiras.

Que homem extraordinário!

Antonio Vieira Sobrinho reviveu, nos campos de Buri, as glórias dos velhos bandeirantes de fortitude de aço. Seu nome andava em todas as bocas. Impresso em todos os corações.

Tantos e tão relevantes foram os seus serviços ao Batalhão "Tenorio", que ele foi feito capitão do nosso E/M.

Admiravel paulista esse coronel Toniquinho!

D. Marianinha Vale Neto, nossa amável madrinha, não se deixava vencer em generosidade.

D. Marianinha levou mesmo a sério o seu papel. E ninguém melhor do que ela para interpreta-lo. Inteligente, cheia de vivacidade, não sabendo parar um instante no mesmo lugar, e, além do mais, dona de um grande coração, d. Marianinha foi a melhor das madrinhas. Não tendo cabeça só para pendurar chapéu, animou-a, sempre, um nobre desejo de ser útil aos seus afilhados. E foi, em verdade. Diariamente, ela se recordava de nós, e lá, nas trincheiras, não podíamos esquecer-la, porque suas gentilezas avivavam nossa lembrança, aumentando, cada dia que passava, nossa gratidão.

D. Marianinha nos deu as bandeiras, animando o batalhão, no quartel, com sua palavra quente e comovida, e enchendo-o de presentes e de carinhos... Na retaguarda, Itapetininga, a marinha, boa e entusiasta, e afetiva, vigiava pela nossa sorte, solidária com os nossos triunfos e com as nossas dores.

Não ficou atrás, seu marido, o cap. Fernando Neto, incansável em tudo atender e providenciar.

O 2.º Batalhão "9 de Julho" possuía talvez o melhor serviço médico da campanha Constitucionalista.

Chefiou o nosso C/S. o capitão Dr. Raul de Frias Sá Pinto, que, em Ligiana, e, depois, em Angatuba, dirigiu o hospital de retaguarda.

Os médicos da vanguarda, cujos nomes precisam ficar aqui registrados, foram verdadeiros heróis, pela sua bravura magnífica, pelo seu desprendimento sem par:

1.º tenente Dr. Ariovaldo Caseli de Carvalho;

1.º tenente Dr. Joaquim Gomes dos Reis J.;

1.º tenente Dr. Antenor de Toledo Barros;

Aspirante Aristides Peres;

Aspirante Antonio Sousa Pinheiro

“ Alvaro T. Barros

“ Oscar Figueiredo.

Foram médicos e foram soldados.

Compareciam nos combates, socorrendo os feridos, transportando munição e comida, ou carregando metralhadoras.

Não eram facultativos que se deixassem ficar no P. S., tranquilamente. Não. Iam, diariamente, uma e duas vezes, às trincheiras, na linha de fogo! Acompanhavam o comandante nas suas mais perigosas visitas à frente de batalha, sendo um deles, Ariovaldo de Carvalho, convidado para comandar uma companhia, tal sua vocação para conduzir tropa das refregas.

Tenorio de Brito chegava a dizer que os médicos compunham o seu lúcido estado maior...

E era verdade, porque até sobre colocação de tropa e dispositivos militares eles opinavam e, não raro, eram ouvidos pelo comandante nas suas sugestões.

De uma feita, bem me lembro, um, oficial mandou um recado ao major, dizendo que os médicos haviam vetado a posição de trincheiras por ele escolhida, nas barrancas do Paranapanema. Pedia ordens. O comandante vai ver o serviço e... dá razão aos discípulos de Hipócrates...

Nem tudo são espinhos...

A frente de guerra, quando emudecer os canhões da ditadura, era qualquer coisa parecida com um excelente passeio campestre. ⁽⁴²⁾

A vida bucólica, nas trincheiras e no acampamento, repousa o espírito do soldado. Não raro, os carrapatos nos causam mais aborrecimentos que os soldados do outubrismo. Noites esplêndidas, malgrado o vento frio com que a Argentina pressentia, o ano inteiro, aquela região de São Paulo.

Dias claros. Campinas verdeongas, mente onduladas.

O capacete de aço — um mal necessário.

Não se comia mal, embora não se soubesse a hora e o número de vezes.

O soldado se acostumar a não lavar o rosto. Não penteava o cabelo. Nem se levantava.

O café era certo. Toda manhã. Feito no acampamento.

O ânimo do soldado era sempre o mesmo. Vivíamos alegres, saudáveis.

São Paulo treinou um grande exército. A memorável campanha é pontilhada de incidentes pitorescos.

Conta-se, por exemplo, do meu amigo, o advogado Oscar Stevenson, que, indo espionar a zona de São Miguel Arcanjo e Iporanga, disfarçado de caipira, esqueceu, no dedo, o seu vistoso anel de bacharel, com chuveiro de brilhante...

⁴² O dr. António Gomes dos Reis, de Jaú, chega às nossas posições, nos primeiros dias de setembro: era o engenheiro do batalhão. No seu batismo de fogo, o capitão Gomes dos Reis não compreendia a despreocupação dos soldados ante os bombardeios e a fuzilaria! Num dia daqueles, estávamos almoçando, no posto médico, a uns 500 metros das trincheiras, no Paranapanema. Um lugar aprazível. Um jacá de laranjas, cinco ou seis frangos assados na casa de um caboclo. Ia em meio a refeição. 12 horas. Nem um tiro. Um bom humor generalizado. Quietude bíblica... O dr. Gomes dos Reis, muito alto e muito magro, que, de quando em quando, se recorda dos pernambucanos e de suas granadas, espicha o pescoço e exclama, num instante em que se fez silêncio: — Deus me perdoe, mas isto até parece um piquenique!...

Falsa memória

A senha é mesmo um trambolho na vida do soldado-paisano.

Nas marchas ou na trincheira o soldado sente que não está só, que já como que uma cadeia de nervos e sentimentos, prendendo, um a um, — e essa solidariedade enche de ânimo a alma do voluntário.

À noite (principalmente quando elas são escuras), fazendo ronda ou dando sentinela, não acontece a mesma coisa.

Um estalido qualquer. Uma folha seca que o vento carrega. Um galho de árvore que despenca.

Quantos duendes que põem o coração do soldado em sobressalto!

A sentinela avançada, então, é, em verdade, um suplício e um castigo para os calouros em arte militar.

A gente vê, no menor barulhinho, o inimigo que avança...

Foi numa noite feia, sem estrelas.

O soldado, de seu posto, vê, nitidamente, um vulto que se aproximava.

A senha era Marília.

— Quem vem lá?

O vulto, que era um soldado novato em complicações de guerra, hesita.

A sentinela insiste.

— Avança a senha!

E dá volta ao ferrolho. Prá-prá...

— A senha!!

O soldado gagueja.

— Alto ca-fe-zal!...

Alto Cafezal — o primitivo nome de Marília...

A cor do cavalo branco de Napoleão...

A senha, naquela noite escura como breu, era Aracassú.

Uma das coisas mais trágicas da guerra, para o soldado novo, é mesmo dar sentinela.

Não sei qual dos batismos pior: se o da batalha ou da ronda e sentinela, à noite.

As horas costumam a passar. O minuto parece que vai se esticando...

A sentinela divisa, na sombra, alguém que vem vindo. Que vem vindo...

Passos lentos. Firmes. E o vulto vai caminhando.

A sentinela grita:

— Avança a senha! Avança a senha!

O vulto não responde. E continua caminhando. Nada.

— A senha!

O soldado, trêmulo, não se contém. Leva, nervoso e precipitado, o fuzil ao ombro:

— Diga “Aracassú”, senão eu atiro!

Morrer completamente...

Irmã Paula foi assassinada, recentemente, pelo sr. Medeiros e Albuquerque, que, nas colunas da "Gazeta", já deu, sobre o caso, as necessárias explicações: Irmã Paula, regressou do Velho Mundo em boa saúde, apenas manifestando desejo de, na Guanabara, terminar seus dias...

O ilustre escritor não quiz esperar dez ou vinte anos (que Deus conserve a religiosa de coração magnanimo) para confirmar, em outra crônica, o seu desaparecimento, como fez certo jornal inglês. De modo diferente não agiu uma agencia telegráfica de Roma que, tendo tomado uma vasta "barriga" com a morte do Papa Pio X, espalhou, depois, para o mundo, quando ele cerrou mesmo os olhos, que S. S. havia falecido "definitivamente".

Como sempre acontece em tempo de guerra, durante o movimento constitucionalista muita gente "morreu". De um rapaz de São José do Rio Pardo, minha querida terra natal, sei, cuja perda a família chorou copiosamente, mandando rezar missa de sétimo dia. De outro se conta que a família trouxe o corpo para S. Paulo, mandou fazer sepultura no Araçá... e o "falecido" apareceu, vindo da ilha Grande. Ainda agora, estão aparecendo, nos jornais, as retificações que, geralmente, são solicitadas, em pessoa, pelo "morto".

Era comum, nos momentos mais acesos da luta, na hora áspera dos combates, alguém te visto tombar, assim ou assado, este ou aquele companheiro.

Conta-se que, após uma dessas duras jornal das nos campos de Buri, um soldado, ainda atordoado pela metralha, olhos vivos e brilhantes, dá notícia da perda de um seu camarada. Vira-o receber um tiro. Vira-o cair, de bruços, numa poça de sangue.

O comandante, exigente, não aceita, assim à primeira vista, a informação. Insiste com a praça. Se ela tinha visto direito. Se chamara, pelo nome, o ferido.

O soldado mantém, com firmeza, o que afirmara. Repete, com mais detalhes, o que presenciara, e acrescenta:

— Seu comandante! Eu não só o chamei, como o sacudi: ele estava mesmo, coitado, completamente morto!...

A viúva de Mirabeau...

Foi em Ligiana.

18 horas, mais ou menos. Iam caindo as sombras da noite.

Nas margens do Paranapanema todos estavam a postos. Tiros de fuzil. As M. P. e F. M. davam sinal de vida, lá de quando em quando.

A barraca do comandante estava cheia.

Era hora dos relatórios orais da oficialidade... e dos “soldados de qualidade”.

Um soldado nosso ficou ferido perto do Ribeirão da Pescaria. Relata o caso, com todos seus pormenores, o tenente Jonatas: o rapaz ia buscar água, quando, visado pelo inimigo, cai, apanhado por um projétil...

O capelão, cônego Hubert Looyens, ajunta, como de seu costume, em comentário:

— O inimigo está, hoje, então, com a mira boa!

— Mira... boa? Pergunta, sorrindo, o Major Tenorio.

— Sim. Com mira boa.

— E eu que pensava que Mirabeau fosse solteiro...

O último pesadelo...

Ligiana. 9 horas.

Sete de Setembro.

Festejando a efeméride, os aviões da ditadura visitam-nos, enchendo o espaço de surdo rumor, salvando, com tiro de metralha, o feito de Pedro 1.º às margens do Ypiranga.

Bombardeio tremendo, à altura da comemoração.

Morre, heroicamente, o bravo Gustavo Borges, aquele que pediu que fosse enterrado mesmo nas trincheiras, porque não queria, nem depois de morto, voltar para S. Paulo, antes da vitória.

Enlouquece o preto Raymundo Fortunato, excelente cozinheiro.

Um soldado, chegado de véspera, “principiante”... de guerra, é colhido, de surpresa, no ponto mais visado da estação. Cai de bruços. Enterra a cabeça no chão. Granadas explodem nas circunvizinhanças. Uma após outras. Nuvens de fumo sobem para o céu. Fende-se a terra, aqui e ali.

O voluntário quase perde os sentidos. Deixa-se abandonar no chão, os nervos bambos.

Os aviões vermelhos vão desaparecendo, lá longe.

Um oficial, vendo-o ainda deitado, sem cor, imóvel, pergunta:

— Camarada, que isso? Eles já se foram. Levante-se

O soldado, quieto.

— Então, é esse o seu primeiro bombardeio?

E ele, pálido, com uma voz sumida, como se viesse de além túmulo:

— Não “seu” tenente: é o último...

Elas...

Um lugar movimentado a Intendência.

O tenente Amorim quase não dá conta.

É gente que quer botina, é gente que quer culote ou um maço de cigarros, contanto que não seja desta ou daquela marca.

Um reboliço.

— “Seu” tenente, me arranje um pacote de velas.

— Ah! Um pacote, não é possível. Dou-lhe duas. É que há grande dificuldade de velas.

Um gaiato não resiste:

— Há mais dificuldades em... vê-las, “seu” Amorim.

Paisano...

O dia amanheceu muito claro. O sol vermelhão. Na íntegra. Nem uma nuvem comprometendo o esplendor matutino.

Quando o dia amanhecia assim, já se sabia: teríamos o desprazer da visita ditatorial... pelos ares.

E tivemos, mesmo.

Aproxima-se a esquadrilha federal: dois prateados e o famigerado vermelhinho.

Os soldados imobilizam-se onde estavam, estendendo-se no capim macio. Um caboclo que simpatizou com a rapaziada e ficou com o hábito de sapear os combates, estando, na ocasião, no acampamento, não ligou, ficando por ali, apreciando as evoluções das máquinas infernais.

Explodem as primeiras granadas. A terra treme. Um cheiro de morte. A fumaça negra. Estilhaços...

Um oficial, vendo-o, fumando um cigarrinho de palha, indiferente, como espetador daquela cena, grita-lhe com áspera energia:

— Deita, camarada!

Ele, nada.

— Deita, “seu” idiota!

O jeca dá de ombros, estica o pescoço, e diz:

— Eu não tenho nada com isso, ué. Eu sou paisano...

Neologismo da guerra

A vida militar consagra uma porção de expressões e modismos. “Pirar” — deixar a frente, indo para a retaguarda; ou despertar.

— Fulano “pirou”...

“Pirar-se”, que significa raspar-se, safar-se, expressão popular já registrada por Candido de Figueiredo, teve, agora, sua consagração definitiva.

“Pagar” boia, “pagar” calçado, “pagar” cigarro. “Pagar”, sinônimo de fornecer.

Aeroplano — “varejeira” (varejar é atacar com descarga de artilharia ou fuzilaria).

— Eu estou querendo um “recorte” de feijão, cabo Gabriel.

“Recorte” é repetição. Segundo os dicionaristas, é “intervalar”, “entressachar”, “entremear”. (Ai! Que alegrias, “recortadas” ainda de enternecidos sustos. Garrett).

Peixe — boato.

Chepa — comida.

Penosa — galinha.

A vida do soldado é muito parecida com a vida de estudante.

Como o colegial, a praça não pode deixar nada à toa, porque desaparece num abrir e fechar de olhos.

O soldado não furta: “desaperta”. E “desaperta” tudo que cai sob suas vistas, não respeitando nem mesmo o comandante...

“Desapertar” é aliviar, desoprimir. Aliviar, principalmente...



SOCIEDADE VETERANOS DE 32-MMDC

Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32
Praça Ibrahim Nobre, São Paulo/SP, Tel: (11) 3105-8541
Utilidade Pública pela Lei Estadual 5.530 de 14/1/1960 e pelo Decreto Municipal 8.790 de 23/5/1970



**Sustentae o Fogo
que a Victória é nossa!**